O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANO XXXV

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: ANO 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS FEIRAS E SABADOS

Quarta-feira 6 de outubro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. Ás assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:529

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

SUMARIO:—NOTICIA IMPORTANTE.—SILENCIO!... SILENCIO!...—APRECIAÇÕES INSUSPEITAS.—HONRA AO MINISTRO.—FREITAS E OLIVEIRA.—INSTRUÇÃO PUBLICA.—DESPEDIDA.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—INDUSTRIA DA SEDA EM PORTUGAL, *por Joaquim de Vasconcelos*.—O ASSASSINO DO BISPO DE MADRID.—FOLHETIM, UMA RAPAZIADA, *por Faustino de Moraes*.—CORREIO DO SUL.—SCIENCIAS.—ARABESCOS E MINIATURAS.—BIBLIOGRAFIA.—PARTE OFICIAL.—TELEGRAFIA.—CARTA DE LISBOA.

Aveiro

NOTICIA IMPORTANTE

Foram indultados os comprometidos da ultima revolta de Madrid.

Folga a humanidade, triunfa a civilisação.

Que a vida da Regente de Hespanha se prolongue; que as bençãos do Céu felicitem o seu reinado.

São os votos que fazemos.

SILENCIO!... SILENCIO!...

A policia de Lisboa descobriu, ou houve á mão, o fio de uns misterios tenebrosos. Parece que a imprensa tinha ha tempo aludido a factos que se repetiam com frequencia, insinuando que existia nos meandros da capital uma industria criminosa, que ia medrando á sombra da impunidade. Falava-se em abortos promovidos por parteiras abilitadas, mediante remuneração mesquinha, e acrescentava-se que algumas mães, não logrando o exito desejado, tinham sido vitimas tambem da operação feita por mãos ignaras. E de tudo se concluia, que era indispensavel a intervenção da auto[illegible] para pôr cobro n'um procedimento, que atestava a desmoralisação da sociedade metropolitana.

Decorreram mezes sem resultado, o que dava ao caso a prespetiva de lenda. Já ninguem se lembrava d'aqueles estranhos boatos, quando ha dias rebenta a noticia de que se achavam presas algumas pessoas, por estarem enredadas na malha policial, contando-se historias tétricas, e fazendo-se comentarios que provavam até onde chegou a lepra da immoralidade, contaminando todas as classes sociaes.

Tudo isto é de uma podridão repelente, pondo em evidencia a devassidão dos costumes. Mas a exibição ao ar livre de tamanhas pustulas, diz claramente que no nosso paiz ha quasi total ausencia de bom criterio, porque da publicação de crimes tão repugnantes resulta o desenvolvimento do contagio, em vez de o circumscreverem e de o atacarem com os antidotos aconselhados pela experiencia.

De ordinario a publicidade de taes monstruosidades estabelece uma propaganda prejudicial, e era isso o que se devia ter evitado. Operasse muito embora a policia com toda a reserva, como convém em processos graves e defezos á intervenção dos profanos. Levantassem-se autos de investigação, interviesse o poder judicial, mas com todo o segredo de justiça. Fossem castigados os culpados, como desagravo á moralidade ofendida. Mas, por Deus! não se assoalhassem tão extraordinarias miserias, não se espalhasse por toda a parte a ruim semente, que a publicidade fará fecundar.

Lembra-nos de passagem o modo por que os antigos missionarios prégavam nas aldeias do nosso paiz. Supondo que reprimiam o abuso, ensinavam á gente moça o modo engenhoso de enganar os paes nas horas mortas da noite. Apresentavam-lhes exemplos, citavam-lhes factos, e o caso era, quo no ano seguinte aumentava o numero das exposições e dos infanticidios. Em vez de predicarem o evangelho, tornando comprehensivel a todos a excelencia da religião do Cristo, eram o porta-voz da devassidão, falando ás consciencias em nome do inferno, mas pondo a descoberto processos, que muitos ignoravam, aguçando-lhes o apetite e forçando-os assim a provar o fruto da arvore prohibida.

Pois o que a imprensa noticiou assemelha-se á pratica dos missionarios ignorantes, que procuravam morigerar os costumes, ao ensinar ao povo rude o modo de se prostituir, apontando-lhe os mil escoadouros do vicio. E é certo, que se a publicidade prejudica em vez de moralisar, é n'estes casos, pois que rasga a venda que a muitos encobre as podridões do monturo social.

Ainda mais: ninguem ignora que na extensa lista de crimes se dá muitas vezes a imitação, e que o exemplo exerce grande influencia em certas organisações. Vem corroborar o que dizemos um acontecimento que nos contristou profundamente, arrebatando-nos um amigo, que se deixou arrastar por a alucinação do momento. Suicidára-se em Coimbra um vulto eminente da catedra universitaria. O dr. Filipe Simões poz termo á existencia impelido pela fatalidade que lhe alquebrara o espirito. N'essa época um grande talento marchava tambem a passos largos para o seu ocaso. O dr. Pires de Lima, vitima de um padecimento crudelissimo, arrastava-se pezadamente na escabrosa senda da vida. Aquele acontecimento foi noticiado pelos jornaes, e Pires de Lima soube-o por eles, exclamando ao lêl-o:—«Ensinaste-me o caminho!» Dias depois suicidava-se no cemiterio dos Prazeres, atravessando a cabeça com a bala de um rewolver!

Vejam pois se a publicidade de certos factos não concorre para a sua reprodução. Digam-nos senão temos razão para reclamar o silencio da imprensa nos casos em que, como o de que se trata, convém velar as pustulas asquerosas, de que enfermou a humanidade.

Na edade media os leprozos tinham sitios reservados para viverem, afastando-os do contáto dos homens. Entendia-se então que segregando-os da sociedade, não só se obstava á propagação do mal, mas tambem se arrédava para bem longe um espétaculo repugnante. Estabelecia-se pois um cordão sanitario entre eles e o resto do mundo. Eram como que os réprobos da sociedade.

Pois faça-se agora o mesmo com os leprozos da vida airada; não se registrem na imprensa essas vergonhas, que são como que uma verruga edionda na face do mundo civilisado. Não se faça ver a possibilidade de taes crimes. Se na Lacedemonia não havia pena para os parricidas, por não suspeitar o legislador, que podesse dar-se semelhante atrocidade, desdobre-se sobre o caso dos abortos, que se apresenta com côres carregadas, um espesso véu, que não deixe vir á superficie o pús de tamanhas miserias. Proceda a policia com todo o rigor, ocupem-se os tribunaes dos estranhos processos, que vão avolumar a cronica do crime; mas ocultem-se todas as peripecias aos olhos ávidos da multidão, para que ela não se deixe corromper com o exemplo. Ha fascinações nas maiores negruras, assim como ha repelencias inexplicaveis nas virtudes mais sublimadas.

A' imprensa compete moralisar, e não satisfaz a sua missão com a propaganda do vicio. E casos ha em que a publicidade é incentivo, em vez de ser o moderador dos erros ou dos crimes sociaes.

APRECIAÇÕES INSUSPEITAS

Lê-se na folha lisbonense o *Jornal da Noite*:

«A grande questão—dizia-se nos ultimos anos—era a reorganisação da fazenda publica. Ora, a reorganisação da fazenda publica consiste em chegarem as receitas para as despezas, sem que estas se reduzam ao ponto de faltar o necessario.

«Ha muito que se prometia esta solução; a promessa está muito adiantada no caminho da sua realisação.

«Porque, emfim, o governo pode e deve ter oposição; assim o exigem até as conveniencias do sistema. Quando houvesse um ministerio irreprehensivel, então mesmo não haveria outro remedio senão inventar alguma cousa que servisse de pretexto para combatel-o. Seria o meio mais eficaz para se conseguir que ele pozesse todo o empenho em nunca pecar.

«Mas, se o gabinete pode ser combatido por qualquer pecado venial, por qualquer erro, por ora muito leve—nós somos oposição desapaixonada—o que não póde e dizer-se que, durante a sua ainda muito breve gerencia, o nosso credito não tenha melhorado consideravelmente, é que essas condições não tenham sido aproveitadas em favor da fazenda; não póde dizer-se, a não ser que o desvairamento chegue ao extremo de se negar, face a face, a verdade conhecida e sabida de todos.

«O governo tem sido felicissimo, porque as condições das praças estrangeiras, a barateza do dinheiro, a *difficuldade em encontrar colocação* para os capitaes disponiveis, o cambio do Brazil, o aumento das receitas publicas, todas estas circumstancias combinadas, permitem que o tezouro se sinta desopresso como ha muito se não sentia.

«Bem sabemos que, consideradas sob o ponto de vista politico, estas coincidencias não agradam ás oposições, porque quanto mais se fortalecer e consolidar o credito dos governos, mais se afasta d'elas o poder; mas nós que antepomos o paiz aos partidos—por ser o paiz a soma de todos eles—o que desejamos é que esta prosperidade exista e cresça, seja qual for a proveniencia da administração.

«Ficariamos mais contentes se o equilibrio das finanças do Estado, o engrandecimento do credito publico se conseguissem estando no poder o nosso partido—este amor proprio é natural;—mas antes queremos que o fáto se dê, governando os progressistas, do que quereriamos que deixasse de se dar só por acinte para com eles.

«Ninguem fica prejudicado. Em primeiro logar, porque as felicidades publicas são de todos, sem distinção de convicções politicas; em segundo logar, porque quando um dia o nosso partido voltar ao poder, melhor lhe irá encontrando em condições prosperas a fazenda do que encontrando-a decadente e a braços com dificuldades.

«Estas teorias podem não agradar a quem vê por outro prisma os interesses publicos; mas agradam-nos a nós, e estamos muito contentes porque ainda encontram muita gente sensata e boa a quem agradam tambem. A certeza de que isto assim é, certeza de que recebemos todos os dias eloquentes e espontaneas provas, dá-nos muita satisfação.»

O contemporaneo põe acima de tudo a causa publica. Exulta, porque vê mais desafogada a fazenda publica. Aplaude a gerencia financeira do ministerio atual, porque não obedece á politica mesquinha de corrilho. Comprehende bem a sua missão, e nao lhe importa se o modo por que a desempenha agrada ou não aos seus correligionarios.

E' patriotico um tal proposito e nós registando-o, fazemo nos éco das opiniões do nosso esclarecido confrade.

HONRA AO MINISTRO

E' d'um colega nosso da oposição jornalistica o seguinte artigo:

«O sr. ministro das obras publicas recebeu pelo correio uma carta, tendo escritas n'um dos angulos do envelope as seguintes palavras: «Pede-se pelo amor de Deus, que leiam esta carta».

Era de José Maria Pereira, empregado adido, ha vinte anos, ao correio de Braga. Mostrava as suas precarias circumstancias, com o seu diminuto ordenado, muito trabalho, mulher e filhos.

Dias depois pelo correio no mesmo envelope a resposta e por baixo d'aquelas palavras de suplica, lia-se: «Veja o proximo *Diario do Governo*.» N'este *Diario* vinha a nomeação do pretendente para o lugar de fiel do correio de Braga, lugar que era muito pretendido.

Factos d'esta natureza tem o melhor dos comentarios na sua propria narração, e nós não duvidamos registrar este, apesar da posição politica em que estamos colocados, porque é incontestavelmente digno dos maiores encomios.»

Não estranhe o colega. Se conhecesse bem o caráter justiceiro, levantado e nobre do ministro que assim procedeu, não notaria o fáto, pois que na sua ainda curta gerencia ha muitos mais como este.

FREITAS E OLIVEIRA

Trouxe-nos ha dias o telegrafo a triste nova de que se finára em Lisboa este nosso tão distinto quanto infeliz confrade para quem a luz da razão já se apagára ha muito.

Freitas e Oliveira (Jacinto Augusto de), filho dos srs. Jacinto de Freitas e Oliveira e de D. Mariana do Espirito Santo Machado Oliveira, nasceu em Lisboa aos 17 de junho de 1835. Sentou praça na companhia de guardas marinhas em 14 de outubro de 1846, saindo guarda marinha em maio de 1852 por haver completado o curso da arma. Em outubro de 1853 matriculou-se na faculdade de mathematica e de filosofia na universidade de Coimbra, formando-se em mathematica em 1858. Como não lhe quizessem contar o tempo que estudou em Coimbra como tempo de serviço ativo, pediu a sua demissão. Durante o tempo que serviu na armada fez duas viagens, sendo uma aos Açores em 1851 a bordo do vapor *Infante D. Luiz* e outra em 1852 a Angola no brigue *Serra do Pilar*.

Em 1861 foi nomeado amanuense de 1.ª classe na repartição de contabilidade do tezouro. Em 1862 foi nomeado, por concurso, segundo oficial da direção geral de instrução publica, requerendo em seguida a sua transferencia para o ministerio das obras publicas, d'onde saiu em junho de 1870 para o logar de contador geral da segunda contadoria do tribunal de contas, o que lhe deu o titulo do conselho de sua magestade.

Em 1868 foi eleito deputado pelo circulo d'Arganil; em 1869, 1870 e 1878 pelo de Loanda e em 1882 pelo de Quilimane.

O nosso colega do *Diario Popular* diz que Freitas e Oliveira, por ocasião de 19 de maio de 1870, foi nomeado governador civil de Leiria, sendo tambem por esta epoca eleito deputado. Isto não é verdade. Freitas e Oliveira foi governador civil de Leiria em 1869 e não em 1870 e foi eleito deputado em outubro d'este ano e não em maio. Contra os acontecimentos de 19 de maio pronunciou-se ele, sendo um dos deputados que protestou contra o golpe d'estado d'então. Tambem não é rigorosamente verdadeira a afirmativa do mesmo jornal, que dá José Estevam como parente por afinidade de Freitas e Oliveira. Este parentesco é um parentesco postumo, pois quando em 1863 Freitas e Oliveira casou com uma sobrinha do grande tribuno, a ex.ma sr.ª D. Maria José Coelho de Magalhães, havia já um ano que José Estevam tinha falecido.

Em 1861 fundou Freitas e Oliveira o jornal *A Liberdade*, de que saiu o primeiro numero em 26 de junho, sendo o artigo principal escrito por José Estevam. Em 1875 fundou tambem o *Figaro* cuja vida foi efemera, pois durou apenas tres mezes. Colaborou tambem no *Portuguez*, no *Partido Constituinte*, na *Revolução de Setembro*, no *Districto de Aveiro*, no *Diario Ilustrado*, na *Lanterna* e no *Espétro da Granja*.

Querendo honrar a memoria do seu diléto amigo José Estevam, publicou em 1863 um volume de 407 paginas sob o titulo de *José Estevam—Esboço historico*. N'este trabalho aliás de merecimento ha grandes inexátidões e não pequenas lacunas que é mister corrigir. Freitas e Oliveira foi mais panegirista do que historiador, e algumas vezes fez mais poesia do que historia. No mesmo ano em que foi publicado apareceu um curiosissimo opusculo contradizendo-o em parte com o titulo—*Duas palavras ao autor do esboço historico de José Estevam, ou refutação da parte respétiva aos acontecimentos de Setubal em 1846 e 1847 e a outros, que com aqueles tiveram relação*; por João Carlos de Almeida Carvalho.

N'um trabalho historico que preparamos para a ocasião de ser inaugurada a estatua do notavel tribuno, que por iniciativa dos nossos artistas se vae erigir n'esta cidade, teremos ocasião de mostrar as muitas inexátidões em que caiu Freitas e Oliveira.

Ha tambem tres opusculos impressos de Freitas e Oliveira, mas só dois trazem o seu nome, e são *A questão literaria a proposito do jazigo de José Estevam*, Lisboa, 1866—e *O Deus da palavra*, discurso pronunciado no dia 21 de outubro de 1866 no áto solene da inauguração do retrato do grande tribuno no liceu de Aveiro.

INSTRUÇÃO PUBLICA

O *Diario* publicou as seguintes portarias:

Dispondo art. 26.º do decreto de 29 de julho ultimo que é prohibido desde já aos professores e empregados dos liceus o exercicio do ensino particular, ou este se faça diretamente pelos professores ou empregados, ou indirétamente por seus agentes ou propostos; e

Constando que alguns professores provisorios julgam que lhes não é aplicavel tal proibição:

Ha por bem sua magestade el-rei mandar declarar, pela secretaria d'estado dos negocios do reino, que as disposições do citado artigo compreendem tanto os professores e agregados de provimento definitivo, estejam ou não em efetivo serviço como os professores e agregados de nomeação provisoria ou interina, nos termos do art. 70.º do regulamento de 12 de agosto do corrente ano.

—

Tendo em vista o disposto nos artt. 59.º a 62.º da carta de lei de 14 de julho de 1880, e nos artt. 26.º e 27.º do decreto de 29 de julho do corrente ano: ha por bem sua magestade el-rei ordenar o seguinte:

1.º E' suscitada a rigorosa observancia das prescrições do decreto regulamentar de 20 de setembro de 1882 com relação aos institutos particulares de instrução secundaria.

2.º Os inspétores de instrução secundaria, para completa organisação do registo de todos os institutos particulares de ensino secundario da sua circunscrição, devem recorrer, quando seja preciso, aos governadores civis dos distritos da mesma circunscrição, os quaes lhes prestarão pronto e eficaz auxilio.

3.º Todos os diréteres e professores de colegios, escolas ou outro qualquer estabelecimento de ensino livre, onde se professem disciplinas dos liceus, são obrigados a enviar mensalmente ao inspétor da respétiva circunscrição academica uma relação em fórma legal dos professores que exerceram o ensino no seu estabelecimento durante o mez anterior. Na falta de cumprimento d'esta obrigação o inspétor observará os preceitos estabelecidos no artigo 22.º do citado decreto regulamentar.

4.º Os inspétores de instrução secundaria por si e pelos reitores dos liceus da circunscrição academica exercerão especial vigilancia sobre os professores e empregados dos respétivos liceus, a fim de conhecerem se alguns d'eles se empregam diréta ou indirétamente no ensino particular sob qualquer pretexto, e darão logo conhecimento ao governo dos atos por eles praticados em contravenção das leis e regulamentos na parte de que se trata.

DESPEDIDA

E' do honrado e brioso coronel do 10 de cavalaria a seguinte despedida:

—

Tendo de me ausentar por algum tempo d'esta cidade, e não podendo pessoalmente despedir-me das pessoas da minha amizade e relações, faço por este meio as minhas despedidas, esperando que os meus amigos me relevarão esta minha falta, podendo dispôr do meu limitado prestimo na cidade de Vizeu, para onde me retiro temporariamente.

Aveiro 2 de outubro de 1886.

Antonio Correia.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Esteve alguns dias n'esta cidade o sr. Julio Firmino Judice Biker, distinto escritor da capital, que visitou o que aqui ha de mais notavel.

— Deviam ter chegado hontem a Anadia as ex.mas sr.as D. Maria Emilia Seabra de Castro, e D. Julia de Seabra e Castro, espoza e filha do nobre presidente do conselho de ministros, e distintissimas damas da nossa alta sociedade. Vieram passar alguns dias com seu pae e avô, o sr. dr. Alexandre de Seabra, uma das glorias juridicas da nossa epoca.

— Regressou com sua familia da praia de S. Jacinto o sr. Manuel Ferreira Correia de Souza, digno administrador substituto d'este concelho.

— Da estação balnear da barra regressaram as familias do sr. Mendes Leite, da ex.ma sr.ª D. Carmina [illegible] Rezende, do sr. Gustavo Ferreira Pinto e do sr. Luiz Augusto da Fonseca Magalhães. Da Costa Nova regressou a ex.ma sr.ª D. Rosa Regala de Moraes, digna diretora do colegio denominado da Senhora da Conceição, que mudou de casa, achando-se atualmente na quinta de S. Gonçalo, propriedade do nosso amigo o sr. Antonio Luiz de Souza.

— Já está na barra o sr. arcebispo-bispo do Algarve, D. Antonio Maria Belo. S. ex.ª tenciona demorar-se ali até ao fim do corrente mez.

— Partiu para a Torreira a familia do sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa.

— Regressou da Costa Nova o sr. dr. Augusto Cesar de Sá.

— Acha-se em Taboeira, com sua ex.ma esposa, o sr. deputado João Cardoso Valente.

— Regressou da Apulia o sr. dr. Alexandre José da Fonseca.

— Esteve ha dias em Aveiro o nosso antigo amigo e ilustrado sacerdote, o sr. padre Manuel d'Oliveira e Costa, digno abade da Arrifana, concelho da Feira.

— Acha-se incomodado da garganta, na sua quinta da Forca, o nosso querido colega, Marques Gomes. Fazemos votos pelo seu rapido restabelecimento.

Partida.—Partiu da sua casa de Rócas para o seu beneficio de Santo Estevão o nosso antigo e honrado amigo o sr. José Joaquim Tavares, um dos parocos mais dignos do patriarcado—clerigo exemplar e digno a todos os respeitos.

Futuras medicas.—Matricularam-se no 1.º ano da escola medico-cirurgica do Porto, as ex.mas sr.as D. Arminda de Moraes Sarmento e D. Aurelia de Moraes Sarmento, filhas do nosso prezado amigo e patricio o sr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, proprietario da *Atualidade*.

Falecimento.—Succumbiu no sabado passado, aos efeitos d'um padecimento horrivel, o arraes José Maria Pascoal, chefe das duas companhas de pesca de S. Jacinto do sr. Manuel Firmino de Almeida Maia. Era um vulto verdadeiramente simpatico entre os heroes da sua classe ousada, homem valente e destemido, d'estes espiritos nobres que tudo sacrificam á prática das ações generosas e grandes, e que se elevam á distinção das vulgaridades que por ahi se gastam no lodo do vicio e se consomem no embrutecimento de todas as infamias.

Conhecido em toda a nossa costa, era uma d'essas organisações que a natureza se compraz privilegiar, peito de bronze, coração franco ao exercicio dos grandes cometimentos, um d'esses heroes que resistem com o sorriso nos labios ás tempestades da vida, e encaram a adversidade sem temer pagar com a vida a salvação d'um camarada ou d'um irmão.

D'estas creações que véem ás vezes do nada e se levantam d'ele para ocupar a honrosa missão que pelo procedimento correto e lidimo do seu caráter elevado o são, o seu lugar ha-de preencher-se tarde e dificilmente, se ainda assim o poder ser com a probidade, zêlo, interesse e rétidão d'este nobilissimo operario do mar.

A casa do sr. Manuel Firmino perdeu um homem de raros merecimentos, e a beira-mar um dos filhos que mais a honravam.

Que a sua alma receba do Supremo Juiz o premio das suas raras virtudes, e o que póde desejar-lhe quem não esqueceu nunca que os seus braços fortes quasi lhe embalaràm os primeiros sonos.

Finamento.—Deixou de existir na sua casa de Burgos, no concelho d'Arouca, o sr. Antonio Augusto Pinto de Magalhães, proprietario da fabrica de ladrilhos mosaicos, da rua das Fontainhas em Alcantara. O finado era descendente dos antigos capitães-móres de Burgos, e exerceu perto de 40 anos, com pequenas interrupções, o logar de administrador efétivo e substituto do referido concelho.

Obito.—Faleceu no dia 4 em Agueda, o sr. José Francisco Rodrigues Pereira, antigo professor de latim e francez n'aquela vila.

Novas construções.—Junto á barra d'esta cidade ha uma praia plana, onde ha anos se construiram tres casas, sendo uma do sr. João Tavares Avelino e as outras duas do sr. João Pedro Soares. No corrente ano o sr. José Joaquim de Oliveira mandou ali fazer um predio com comodidade para tres familias. Portanto o gruposinho compõe-se atualmente de seis habitações.

Mas com a edificação do farol, vae construir-se uma estrada, que ligue diretamente aquele ponto com o forte, e portanto com Aveiro. A obra projétada passa ao sul do paredão, entra na ponte, alargando-a para facilitar a passagem de veiculos, vindo depois do forte para a Gafanha pela Cambeia. D'este modo fica tendo a cidade comunicações diretas com aquela praia, por emquanto em miniatura.

Mas eis que surgem concorrentes, que se dispoem a mandar edificar ali novas habitações. Já se pediu licença para mais trinta e duas casas. E' uma procura extraordinaria de terrenos, o que promete para o ano grande affluencia de banhistas n'aquela estancia balnear.

E' maravilhoso o prurido, e a praia do farol ficará sendo a preferida, não só das familias de Aveiro, mas tambem das povoações das cercanias, graças á facilidade das comunicações e á comodidade para quem tiver de fazer uso dos banhos do mar. A industria montará estabelecimentos onde se vendam generos, padarias para abastecimento dos habitantes da pequena colonia, etc. A aproximação do mar e da cidade fará povoar depressa a praia, podendo os utensilios e o mais que fôr indispensavel para comodidade das habitações, ser transportado d'aqui em carros, o que será grande economia de tempo e dinheiro.

Lembramos aos donos dos predios já construidos e aos dos que ainda se construirem, a conveniencia de mobilar as casas, adicionando-lhes louças, etc., exatamente como se faz em Espinho e na Granja, devendo-se a esta circumstancia a grande affluencia de banhistas áquelas duas praias, o que tem poderosamente contribuido para o seu engrandecimento.

Teatro.—Devem estar assentes até ao dia 31 do corrente as cadeiras que a direção contratou para a sala do espetaculo. São elegantes e comodas. As que estavam no mesmo logar, e ainda outras que a direção comprou já, devem passar a guarnecer os camarotes, dispensando-se assim a faina que tinham as familias horas antes da récita. Vae-se pois regularisando o serviço d'aquela casa a aprasimento de todos.

A' direção foi apresentada uma proposta para se darem dois ou tres espetaculos no corrente mez. A mesma corporação está disposta a aceital-a, com a condição de serem duas récitas no fim de outubro e outras duas no mez de novembro. Para isso tem de aproveitar-se a passagem para Coimbra da companhia de opereta do Principe Real, do Porto, que tenciona ir dar ali alguns espetaculos, sendo dois na ida e dois na volta.

O teatro precisa de alguns melhoramentos, taes como renovação do scenario, o que exige despeza de certo vulto, e sem trabalhar não póde grangear receita. Carece portanto do apoio do publico, que não se recusará a prestar-lh'o, vendo que a administração da casa é solicita no modo por que se desempenha da incumbencia.

Colegio de Nossa Senhora da Conceição.—Este acreditado estabelecimento de educação e ensino, montado ha doze anos n'esta cidade, sob a habil direção da ex.ma sr.ª D. Roza Regala, mudou para a sua antiga casa da rua do Arco, d'esta cidade, onde abre as suas aulas no dia 11 do corrente, como se vê do anuncio, que publicamos na seção respétiva d'este jornal, e para o qual chamamos a atenção dos chefes de familia.

Colegio Aveirense.—Este notavel estabelecimento de educação e ensino, estabelecido aqui, sob a inteligente direção do nosso estimavel amigo, o sr. dr. Antonio José Rodrigues Soares, abriu as suas aulas no dia 4 do corrente.

Colegio Probidade.—Este acreditado e recomendavel instituto de instrução primaria e secundaria, dirigido pelo nosso ilustradissimo amigo, o sr. padre Francisco da Costa Junior, tambem abriu já as suas aulas, que constituem o curso dos liceus e do ensino primario elementar e complementar, regidas por habeis e zelosos professores.

Grande romagem á beira-mar.—E' a ultima d'este ano e sendo-o tudo leva a crer que seja enormemente concorrida. No domingo e na pequena ermida de Nossa Senhora da Saude que se alcandroa no meio das dunas da Costa Nova do Prado, festeja-se com maxima pompa o milagroso Santo Amaro, advogado contra muitos males e agora resolvido a fazer passar algumas horas de alegre passatempo, aos que estacionam ainda n'aquela formosissima estação balnear. Consta-nos que está organisada uma comissão de rapazes entusiastas, que apesar de não acreditarem muito nos milagres do santo se esforçam o mais possivel para a grandiosidade da festa. Segundo nos dizem, haverá na ermida de manhã missa cantada e sermão, e na ria, n'esse formosissimo lago d'agua salgada, que em Portugal não tem rival, haverá ás 3 horas da tarde regata, em que tomam parte um grande numero de botes e bateiras, e á noite fogo, musica e iluminação.

Com taes atrátivos quem deixará de ir no domingo á Costa Nova? Só quem de todo em todo não podér ir.

Romarias.—Esteve muito animada e concorrida a romaria a S. Geraldo, que se fez no domingo no logar da Preza, freguezia da Vera-Cruz, d'esta cidade.

—No proximo domingo tambem tem logar a romaria do Santo Antonio, do *Mudo*, que se venera na sua capelinha, sita no logar da Forca, e que promete ter um vistoso arraial.

Explicação. — Pede-nos o sr. João da Rocha Carola, digno oficial de diligencias d'este juizo e regente da filarmonica *Ilhavense*, para lhe publicarmos a seguinte explicação, o que fazemos para que a verdade se apure:

Sr. *redátor*.—Tendo lido no jornal *O Campeão das Provincias*, n.º 3:527, de quarta-feira, uma noticia, em que se relata um incidente dado com a filarmonica *Aveirense* no arraial da Costa Nova, e em que se quer tornar a alguem d'Ilhavo a culpa de tal caso, venho rogar a v. a fineza de averiguar melhor o fáto, e ratifical-o a fim de que os leitores do seu muito lido jornal fiquem sabendo a verdade, e fazendo um outro juizo do publico ilhavense. Tem v. em Aveiro pessoas d'alto credito, com quem poderá informar-se.

A filarmonica *Ilhavense* tambem esteve a passar pelo desgosto por que passou a filarmonica d'essa cidade ao subir para o seu coreto, mas vendo que ele estava mal construido, não o fez sem que alguns dos seus musicos que são carpinteiros, o segurassem convenientemente e, um d'estes fosse prevenir os musicos aveirenses, para que experimentassem o seu coreto, pois que aquelas construções eram muito fracas.

O resultado da queda do coreto foi n'essa ocasião caluniosamente atribuido á filarmonica *Ilhavense*, da qual faço parte como regente, por uma *troupe* de Aveiro que constituem os amantes d'aquela filarmonica, e os quaes demonstraram quanto *elevada é a sua educação*.

A não ser a muita prudencia da parte dos musicos da filarmonica d'esta vila, e da policia, talvez que a estas horas nos cartorios da comarca se registrassem os nomes d'uns certos sujeitos que devem ser conhecidos n'essa cidade, e que mais uma vez demonstraram em publico o seu fino trato.

Roga a v. a publicação d'estas mal traçadas linhas, quem é com toda a consideração

De v. etc.

Ilhavo 5 de outubro de 1886.

João da Rocha Carola.

Será verdade?—Constou ha pouco, pelo *Primeiro de Janeiro*, que o ex.mo sr. Antonio Gaspar Moreira Baltar pedira a demissão de contraste do ouro na cidade do Porto. Não é crivel nem justo que o governo lh'a conceda, porque dificilmente se encontrará um oficial que examine tão escrupulosamente os toques das peças de ouro. Se os motivos que o levaram a isto são atribuidos ao procedimento de pessoas que se interessam pela sua substituição, é convenientissimo, e nem outra cousa é de esperar do governo, que se tomem as informações competentes; do contrario, seria uma afronta feita a um cavalheiro, que tão honradamente está exercendo aquele logar, e tratando com a maior benignidade os negociantes e feitores seus dependentes. *J. M. R.*

A festa do Bussaco.—Esteve muito animada a festa que se celebrou no Bussaco em 26 do mez passado, comemorando os triunfos alcançados pelas tropas portuguezas contra os exercitos de Napoleão. O arraial apresentava uma vista esplendida, sendo grande a concorrencia de povo. Uma força de artilheria 1 deu as salvas do estilo á chegada do sr. bispo-conde, ao levantar a Deus, e de tarde no fim da ladainha. Para este fim estavam postadas algumas peças na esplanada junto do obelisco.

Da missa cantada foi celebrante o sr. conego José Ferreira Fresco; monsenhor José Maria dos Santos dirigiu as ceremonias; e auxiliavam o acto religioso os srs. parocos de Luzo, Vila Nova, Trezoi, Mortagua, Monte-mór e Espinho e o sr. cura de Luso.

Deu grande realce á festividade a brilhantissima oração do revd.º conego Alves Mendes.

Tempo.—Tem chovido quasi torrencialmente. As terras estão impregnadas d'agua, e os rios engrossam admiravelmente. Vai bom para a agricultura, que vê crescer a olhos vistos as érvas e sementeiras do tempo.

Trabalho no mar.—Não o tem havido porque o tempo o tem feito bravissimo.

Carestia.—O pouco peixe que tem aparecido na praça tem tido preços fabulosos. Pequenissimas solhas, tainhas e robalos que ainda ha pouco se compravam por 20 reis, custavam hontem e hoje 50 e 60 reis e mais.

Noticias da Bairrada.—Em 5.—Eram esperadas aqui no comboio do correio de Lisboa as ex.mas esposa e filha secundogenita do sr. prezidente do conselho de ministros, ex.mo conselheiro José Luciano de Castro; porém não vieram.

—Na pequena povoação de Mogofores faleceram hontem 3 crianças. Uma era uma filhinha de 11 anos do sr. Joaquim Bazilio Cerveira de Souza Albuquerque e Castro, tenente de engenheria. A infeliz menina tinha, havia 4 dias, ido com sua extremoza mãe, e uma sua mana mais nova, a Vale de Estevão (1 kilometro de Mogofores) para umas senhoras lhes tomarem medidas a uns fatos de banho, pois contavam em ir breve para Espinho! O cadaver foi para o jazigo da familia dos ex.mos marquezes da Gracioza, no Crasto d'Anadia.

A outra era um pequeno de 11 mezes, que, indo deitado n'uma canastra á cabeça de uma estupida mulher, mechendo-se, esta o deixou cair ao chão. Durou dois dias.

A outra morreu de uma angina; era filha de um jornaleiro.

— No dia 24 ultimo foi encontrado nos intestinos de uma vaca velha, abatida no matadouro de Anadia, um bocado de cordão de ouro, isto na ocasião em que a mulher encarregada de lavar a tripagem das rezes ali abatidas, lavava aquelas. No dia seguinte foi ela á feira da Mouta vender o achado, com cujo produto comprou um bom chaile.

— Andam reconstruindo a igreja de Mogofores á custa da paroquia, menos a elegante torre que é feita á custa do sr. doutor Acacio de Seabra. A' testa dos trabalhos está o sr. barão do Cruzeiro, que, com prejuizo da sua agricultura, a que não assiste, se empenha para que a obra termine bem e em breve praso.

— Não ha por emquanto procura de vinho aqui. F.

Noticias Diversas

Vinhos no Douro.—Continua animado na Regoa, o comercio de vinhos da nova colheita. O preço que mais tem persistido é o de 45$000 reis por pipa.

Os herdeiros do conde de Santa Eulalia.—Diz o *Comercio de Vizeu*:—Apareceram finalmente os legitimos herdeiros do falecido conde de Santa Eulalia, mas antes que se chegasse a este final, teem-se dado scenas dignas da pena d'um Paulo de Kock ou d'um Camilo Castelo Branco. Os presumtivos herdeiros apareciam todos os dias como os tortulhos! Um desgraçado que tivesse a infelicidade de alguem na familia se ter chamado Melo tinha por força sido visitado por almas bemfazejas, que não queriam que a fortuna se desviasse do seu legitimo dono.

Mas o engraçado é que o herdeiro de hontem desaparecia no dia seguinte, e as correrias para a *Sybila* de S. Salvador iam tendo a importancia e a celebridade que em tempo tiveram as correrias para *Méc*.

Depois do falecimento do sr. conde, não ha dia que em Vizeu não entre um *presumtivo*, dos que vão desencantar na obscuridade d'um velho solar, magro esguio, com um casaco côr de garrafa, calças de lona pelo meio da perna, esporas de ferro sobre uns botins cheios de tombas, com um lenço de seda preto a protestar contra a rebeldia d'um colarinho d'uma camisa de linho pardo, a cavalo n'um rocinante, e tomando logo a direção da casa do seu saudoso primo.

Estes desgraçados quando os assaltavam em casa nem pensavam em tal herança, nem mesmo se convenciam com as primeiras razões; mas por fim tanto pregavam e tão boas razões lhe apresentavam que, com os ultimos argumentos já não davam a herança por um real menos do seu legitimo valor!

A chegada a Vizeu é que os desiludia; e da sua peregrinação só lhes restava a consolação de virem á cidade, aonde não vinham ha muitos anos, e consolarem-se cá com os *presumtivos* da primeira camada, alguns dos quaes ainda caíram na patetica de entrarem na despeza d'um luto tão pesado que fazia chorar as pedras!

Os *herdeiros* postos de lado contam-se já por dezenas, mas n'este desfilar de desapontados teem-se visto alguns rasgos de generosidade e sentimentalismo, que só por si tornam nobres as almas d'onde eles dimanam!

Alguns depois de perderem a esperança de partilhar na *bagalhoça* contentem-se com uma memoria do fino, e n'este sentido tem sido disputado pelo por pelo um celebre chapeu branco, que afirmam era tosqueado de 3 em 3 anos.

Mas todas as esperanças murcharam, e as lendas desapareceram ante o fatal aparecimento dos legitimos herdeiros, que surgiram como a estatua de Banco na ceia de Machbet!

E o caso é que a providencia resolveu a questão pelo melhor lado, porque foi levar a fortuna a dois desgraçados que viviam pobres mas honradamente na mais modesta obscuridade.

Segundo se afirma, apresentaram-se na 6.ª feira no tribunal para serem confirmados, embora ainda não fossem proclamados os editos, legitimos herdeiros do falecido conde, os Melos de Cavarnães, conhecidos pelo nome de *Loiros* de Cavernães, que se soube serem filhos naturaes d'um tio do sr. conde, que não teve duvida em mandar-se inscrever como pae, como consta do livro d'assentamento de batismo, fazendo depois uma escritura de perfilhação, de que apareceu copia, n'uma casa ao Arco, onde viveram umas irmãs naturaes do sr. conde, e cujo original deve existir n'um dos cartorios da comarca de Vouzela.

A unica duvida que se oferece, é que estes filhos eram adulterinos, mas o pae não os teve legitimos e n'este caso são estes os herdeiros.

Um d'estes Melos, é barbeiro, não tem filhos e é tão pobre que se diz não tem quem lhe abone o necessario para a habilitação.

O homem está promto a fazer qualquer transação, dando uma percentagem importante sobre a herança depois de liquidada, a quem lhe adiantar o capital necessario para as despezas judiciaes que são insignificantes.

E' provavel que em Vizeu não encontre quem queira entrar n'este negocio; mas é uma vergonha que, para obra tão meritoria e ao mesmo tempo lucrativa, seja preciso vir gente de fóra.

Bula da Cruzada.—Consta que o sr. bispo de Betesaida solicitou do governo uma casa apropriada, para a instalação da Bula da Santa Cruzada.

Novas de Fóra

Conde de Paris.—O conde de Paris já se acha instalado na nova residencia que alugou por um ano, a ladi Luiza Menx, situada em East Shenn, perto de Richmond, no condado de Surrei.

A torre Eifel.—A questão da construção da grande torre metalica para a exposição de Paris de 89, devida ao plano do engenheiro Eifel, depois de ter passado por varias alternativas, acaba de ser resolvida d'uma maneira afirmativa.

Em consequencia de varias convenções entre o estado, que forneceria milhão e meio de francos para esta construção, e a companhia Eifel, que deve perfazer a soma de seis milhões, ficou decidido qué a torre permaneceria durante vinte anos no campo de Marte.

Mas o plano primitivo foi ligeiramente modificado no que diz respeito á colocação da torre. Em vez de se edificar a torre no eixo da porta monumental, que será construido no fundo da avenida Rap, será colocada proximo do terrasso que margina os atuaes squares do Campo de Marte. Duas razões determinaram a comissão a fazer esta modificação.

Primeiro tem-se em vista a observação feita pelo ministro da guerra, de que tal construção em permanencia durante vinte anos, impediria as manobras militares, se fosse colocada no logar que primitivamente lhe estava indicado.

Depois, que esta enorme torre metalica não ficaria separada dos pavilhões das seções francezas e estrangeiras, das artes liberaes e das belas artes, senão por um espaço de trinta metros. Esta visinhança seria d'um pessimo efeito para os pavilhões.

Dentro em pouco se fará uma ideia exata do efeito que produzirá a torre Eifel. D'aqui a 15 dias se fará subir, no Campo de Marte, um balão preso a uma espia de 300 metros. Da barquinha deixar-se-hão descer quatro cabos, que serão fixados no solo com a inclinação e afastamento que terão os lados da torre.

Estes cabos figurarão as linhas que traçarão as arestas vivas da torre. De longe em longe uma bandeiras, fixas aos cabos, indicarão a altura dos andares.

Jubileu da rainha de Inglaterra.—Celebrou-se em Londres uma reunião preliminar de banqueiros e comerciantes da *City*, a convite do lord-mayor, a fim de lhes ser apresentada uma carta do principe de Gales, pedindo a cooperação d'eles para a fundação de um Instituto Imperial das colonias e da India, em comemoração do jubileu da rainha Victoria, que sucedeu a seu tio Guilherme IV em 20 de junho de 1837, sendo coroada rainha em 28 de junho de 1838.

O lard-mayor exaltou o pensamento, mostrando que aquele jubileu ha de constituir um festa nacional. Explicou que o projétado Instituto seria representante das artes, manufaturas e comercio do imperi colonial e indiano da rainha Vitoria, estimulando a emigração para esses terrios, espalhando o comercio e tornando mais intimos os laços que ligam o imperio, constituindo ao mesmo tempo um muzeu, uma exposição e o local para se discutirem os assumtos da India e das colonias.

O governador do Banco de Inglaterra apoiou essa ideia e lembrou que se nomeasse uma comissão consultiva para dar efeito prático áquela reunião. Assim se resolveu. Já foi anunciada aberta a subscrição em muitos locaes, diz o *Times*.

Os vestuarios e o caráter.—Se Aristoteles vivesse ainda de certo escreveria um capitulo sobre os trajos. Spenser fel-o com grande erudição.

O trajo revela os nossos gostos e o fundo intimo do nosso caráter. Os melancolicos usam das cores escuras e os otimistas das claras.

Segundo um jornal inglez, lord Salisburi é um dos homens que na Grã-Bretanha, chama mais a atenção pelo descuido do seu traje. Vestido sempre de preto, oferece o aspéto d'um ministro dissidente. As suas calças flutuam em melancolicas pregas em torno de suas pernas, emquanto as compridas abas da sobrecasaca açoitam as barrigas das pernas.

O sr. Bradiaugh é o unico que no parlamento o eguala pelo lugubre do seu trajo.

Sobretudo, no que lord Salisburi emprega a sua elegancia é no calçado. Usa botas á Welington, segundo a moda de 1830.

O velho Gladstone, apesar dos seus setenta e nove anos, veste com singular esmero e até traz flores na lapela do casaco.

Sinistros maritimos.—A administração do *Bureau Veritas* francez acaba de publicar a relação dos sinistros maritimos, ocorridos durante o mez de agosto de 1886. São os seguintes:

Navios de véla perdidos: 10 alemães, 7 americanos, 27 inglezes, 1 dinamarquez, 5 francezes, 2 holandezes, 4 italianos, 8 norueguezes, 1 portuguez, 2 russos e 1 sueco; total 68.

N'este numero comprehende-se 1 navio que se supõe perdido, por não haver noticias d'ele.

Navios a vapor perdidos: 1 alemão, 9 inglezes, e 2 francezes; total 12.

Causas das perdas:

Navios de vela: encalhados 37, abalroados 7, afundados 4, abandonados 7, condenados 12, suposto perdido 1; total 68.

Navios a vapor: encalhados 5, abalroados 6, condenado 1; total 12.

INDUSTRIA DA SEDA EM PORTUGAL

A cultura da amoreira e a industria no seculo XV—Providencias pedidas nas côrtes de 1472 e 1480—A febre das descobertas e conquistas absorve tudo e todos; o abandono do sólo—O renascimento das industrias nacionaes no seculo XVII—Os regulamentos e estatutos da coléção «Vicentina»—O conde da Ericeira e Duarte Ribeiro de Macedo: reivindica-se para este o titulo de «Colbert portuguez» —A atividade de Macedo como diplomata, jurisconsulto e economista—O seu «Discurso» de 1675 considerado como programa colbertino; nova edição critica do «Discurso».

No seculo XV ha provas da importancia da industria das sedas em Portugal e sinaes de uma decadencia precoce. Nas côrtes de 1472 e 1473 os procuradores do povo pediam a el-rei D. Afonso V providencias a favor da industria, apontando para a riqueza dos mouros de Granada. O monarca ordenou a plantação obrigatoria de vinte pés de amoreiras por morador, nas comarcas onde mais podiam florescer, e recomendou outras medidas que revelam boa intenção, mas fraco criterio. A vida irrequieta do monarca, as complicadas questões da politica externa, e, principalmente, o litigio com os reis catolicos por causa do trono de Castela, não lhe déram tempo para pensar. Seu sucessor, D. João II, envolvido logo na formidavel luta com a nobreza, não atendeu ás novas suplicas dos procuradores dos concelhos, que nas côrtes de 1480 e 1481 representaram contra o monopolio da seda e da grã (materia tintureira), cuja apanha e venda por grosso e por miudo se não podia fazer se não a compradores privilegiados, com opressão e prejuizo dos cultivadores.

Depois vieram as descobertas e conquistas, que nos revelaram um mundo novo. Os produtos industriaes do Oriente deslumbraram os nossos maiores! O que podiam fazer os tecidos nacionaes, ao pé das sedas da India e China? Não era muito mais facil, simples e principalmente muito mais comodo comprar os artefátos mais preciosos em primeira mão do que trabalhar e tentar novos processos de fabrico e prescrutar os segredos do tear e da tinturaria oriental?

De resto, ninguem receiava que a chuva de ouro, com que haviamos de comprar os *mimos indianos*, parasse um momento!

Só acordamos depois de Alcacer, para sofrer a invasão dos tecidos hespanhoes, ultimo golpe vibrado na industria nacional.

As primeiras esperanças de uma protéção á industria portugueza em geral, e não só á das sedas, renasceram na segunda metade do seculo XVII. Paramos durante um seculo, precisamente quando a França preparava a futura vitoria das suas industrias com a reforma de Colbert, quando a Inglaterra seguia o mesmo impulso para nos impôr pouco depois os seus tecidos de lã (e outros) no fatal tratado de Methwen.

Diga-se tambem, como atenuante, que a longa guerra da restauração desde 1640 a 1669, absorveu o resto das forças que um jugo de sessenta anos havia poupado.

A éra da reforma ericeiriana, assim chamada pelo nome do ministro de D. Pedro II, que assinou os novos estatutos e regulamentos para o fabrico dos tecidos e para a instalação das fabricas novas e reforma das antigas, não está estudada. E, no entanto, é um curto periodo de vinte e cinco anos, no qual se acumulam as providencias mais uteis até ao tratado de Methwen, ou Methuen, como escrevem os nossos antigos escritores. Esses decretos e regulamentos são dignos da maior atenção, mas não se encontram com facilidade. O leitor achará as providencias mais importantes no Apendice á grande coléção *Vicentina*, que se publicou de 1747 a 1760, em seis grandes volumes in folio. Esta compilação, que se imprimiu com um esplendor verdadeiramente real «No mosteiro de S. Vicente de Fóra, Camara Real de Sua Magestade Fidelissima.», é uma das glorias do faustoso D. João V. Para o estudo das nossas industrias nos seculos XVII e XVIII é absolutamente indispensavel. Ahi encontra o leitor o notavel «Regimento da Fabrica de Panos de Portugal», de 6 de janeiro de 1690, com 107 capitulos, e o regimento anterior de D. Sebastião (1573); o alvará de 11 de agosto de 1759, que completa a lei de 1690; os estatutos da Real Fabrica das Sedas, estabelecida no suburbio do Rato, de 6 de agosto de 1757, e muitas outras ordens interessantes, que abonam o criterio dos respetivos ministros e da real junta de comercio, a alma do movimento.

E, já que falamos dos ministros, permitam-nos que insistamos novamente n'um assumto apresentado ha tempos á consideração dos nossos historiadores. Trata-se de uma rehabilitação.

Citamos ha pouco a reforma *ericeiriana*. Diz-se e afirma-se e escreve-se ainda hoje, em toda a parte, que o conde da Ericeira foi o pai e protetor das modernas industrias portuguezas, o *Colbert portuguez*, n'uma palavra.

A fraze é hoje um logar comum e uma mentira historica. A leitura do *Discurso sobre a introdução das artes n'este reino*, assignado em Paris a 10 de maio de 1675, pouco mais de um ano depois dos editos de Colbert, abrirá os olhos a quem quizer e souber ler.

D. Luiz de Menezes, terceiro conde da Ericeira, foi apenas o executor das ideias do notavel diplomata e escritor Duarte Ribeiro de Macedo. O conde nasceu em 1632 e morreu em 1690. E' autor de uma prolexia historia da restauração de Portugal, e foi decidido partidario de D. Pedro II na luta com seu infeliz irmão, serviço que o principe pagou, nomeando-o seu veador da fazenda e valido.

Ribeiro de Macedo, intimo amigo da familia Menezes, gastou a sua vida n'uma brilhante carreira diplomatica em França, semeando louros que outros colheram, e colhendo os espinhos, sempre ocultos e ingratos. O conde de Soure, e outros grandes senhores, aproveitaram-se dos seus talentos diplomaticos, e o conde da Ericeira entendeu que podia fazer o papel de Colbert, com pouca despeza, apoderando-se do «Discurso», e das ideias colbertinas n'ele expostas, e admiravelmente resumidas. O célebre Rafael Bluteau, que tratára com ambos e que conhecia o assumto—(é autor do tratado mais antigo que temos sobre a cultura da amoreira e creação do bicho da seda: 1679)—podia ter esclarecido a posteridade. Ribeiro de Macedo morreu-lhe nos braços em Alicante, a 10 de julho de 1680, contando apenas 62 anos.

Sob o ponto de vista literario não ha comparação possivel entre Ericeira e Macedo. Classico na fórma, sempre lucido e claro nas suas ideias, jurisconsulto consumado e profundamente erudito, deixou-nos Ribeiro de Macedo, entre outras cousas, uma serie de escritos historicos e memorias justificativas dos nossos direitos politicos perante a Europa, que poderiam servir de modêlo em qualquer paiz. Tudo isso sahiu tarde á luz,—muitos escritos como postumos; e entre eles o «Discurso», de que temos falado, e que só foi impresso em 1817. Fóra escrito em 1675. O manuscrito original, que estava em poder do marquez de Pombal (!!) não foi incluido na edição das obras completas de Macedo, publicada em Lisboa em 1767. As nossas discordias politicas fizeram esquecer a edição de 1817, hoje tão rara, e que poucas bibliofilos a possuem. E d'esses poucos quantos a leram?

Em meiado de 1883 publicou-se uma nova edição do «Discurso», anotada, dando o seu a seu dono («Revista da Sociedade de Instrução», abril, maio de 1883 e numeros seguintes). Já não pódem alegar ignorancia, a raridade da obra, etc., etc.

Acurcio das Neves, que fez um resumo historico das nossas modernas industrias, a proposito da fundação da fabrica real das sedas, não diz uma palavra sobre Ribeiro de Macedo, elogiando só os grandes merecimentos do conde da Ericeira. N'uma outra obra aproveita d'ele uma anedota e uma noticia avulsa. Não percebeu talvez o que o «Discurso» valia. E' verdade que ignorou outras fontes de estudo ainda mais importantes.

JOAQUIM DE VASCONCELOS.

O ASSASSINO DO BISPO DE MADRID

Acaba de ter logar em Madrid o julgamento do grande crime cometido pelo padre Galeote á porta da catedral de Madrid. O *Imparcial* dá os seguintes pormenores sobre o que se passou na primeira sessão:

A audiencia e suas imediações

Desde o amanhecer que os curiosos tomam logares fóra do palacio da justiça, esperando o momento de poderem entrar na sala da audiencia, avidos das emoções que se encontram n'um tribunal que vae decidir da vida d'um assassino, e muito especialmente n'este caso, da vida d'um sacerdote que matou o seu bispo.

Estes curiosos formam uma multidão compata de representantes de todas as classes de Madrid.

O movimento é enorme, a concorrencia cresce n'um espaço que ela torna pequeno e apertado.

A vozearia estabelece o susurro que precede ou termina os grandes acontecimentos.

Quando chegou a carruagem que conduzia o criminoso, houve uma grande comoção. Toda a gente correu para vêr o padre. E, apenas as portas do tribunal se abriram de par em par, aquela enorme massa de gente entrou de roldão, procurando cada qual instalar-se da melhor maneira que póde.

Fóra do tribunal ficaram mais de tres mil pessoas, que não conseguiram entrar, protestando contra a pequenez da sala e contra o rigor da policia.

A sala do julgamento estava perfeitamente disposta para o ato. No estrado havia grande numero de assentos para os magistrados que deviam intervir no julgamento; seguiam-se os logares reservados para a imprensa, e, na frente das bancadas destinadas ao publico, estavam colocados alguns bancos forrados de veludo para as senhoras de distinção.

A' uma hora constituiu-se o tribunal. Ocupava o logar da presidencia o sr. D. Juan Manuel Romero e os magistrados srs. Llana e Salvá. O ministerio publico era representado pelo sr. Lamas y Varela e a defeza pelo sr. Vilar Rivas.

Nos logares respetivos estavam o relator o sr. Gorie e o procurador sr. Castro y Quesada.

O acusado

A' 1 hora e um quarto o presidente ordena que seja introduzido na sala o acusado. Custodiado por dois guardas civis e seguido por dois oficiaes de diligencias. Caetano Galeote entra na sala, cumprimentando para um lado e para o outro, sobe para o estrado, sauda os juizes e vae sentar-se no banco dos réus, precisamente em frente das carteiras dos jornalistas.

Galeote é de estatura regular, cabelo preto e olhar scintilante. Veste os trajos de sacerdote, e não dá os menores sinaes de contrariedade ao ver se o alvo de todas as atenções.

Depõe ao lado um embrulho, que contém varias cartas e uma historia de tudo o que precedeu o assassinio do bispo de Madrid. O primeiro cuidado de Galeote foi desdobrar o embrulho e rever com febril impaciencia alguns documentos, que são sem duvida de importancia capital na sua defeza.

Passa os olhos pela multidão, que invade e se apinha na sala, e detem-se a observar o corpo de delito, que se acha colocado sobre a mesa do secretario.

Ali se vê o revolver com que perpetrou o crime.

Quando se declára em alta voz que vae começar o julgamento, estabelece-se na sala um silencio profundo.

Padre Galeote esfrega as mãos, presumindo, talvez, que chegou a hora da sua redempção.

A leitura do processo

Logo que começou a leitura do processo, o réu levantou-se, declarando que é alguma coisa surdo, e que pede para se aproximar do secretario, para melhor ouvir relatar os acontecimentos.

O presidente concede essa petição, e Galeote chega-se para a mesa do secretario, junto da qual se conserva de pé.

A cada acusação o acusado protesta energicamente.

—Ha antecedentes meus muitos honrosos—diz ele—e é preciso que o tribunal os conheça.

O presidente. Compete-lhe ouvir e calar. Falará depois, quanto queira.

Galeote. Trago aqui toda a minha historia. E vou lel-a. (Mostra uns papeis que traz na mão e dispõe se a lel-os).

O presidente. Compete-lhe ouvir e calar; é essa a sua obrigação.

Galeote. Bem! Estarei calado.

O secretario (lendo). Dois dias antes de cometido o delito...

Galeote. Isso é indigno. Eu não cometi nenhum delito. (O réu levanta as mãos em atitude ameaçadora).

O presidente. Guarde silencio agora, e falará com toda a liberdade quando lhe couber a vez.

Galeote. Com licença do sr. presidente, vou sentar-me, porque não posso ouvir o que estão a lêr para me prejudicarem.

O presidente. Respeite o tribunal e e sente-se.

Depois de relatados os fatos, segue-se a leitura da acusação do delegado, que pede a pena de morte contra Galeote, e as conclusões da defeza, que solicita a absolvição do seu defendido, em virtude de ser um demente.

Provas e contraprovas

O representante do ministerio publico, referindo-se a duas cartas do padre Galeote, publicadas no *Progresso*, chamou a atenção da audiencia, pois que n'uma d'elas o réu confessa o seu remorso e pede perdão, e na outra declara que a sua consciencia lhe não permite assistir ao juizo oral.

Tendo em conta a importancia d'esses fatos, o delegado pede que se pratique a prova documental correspondente.

O advogado de defeza declara que estima que se verifiquem essas provas, mas pede que o tribunal atenda tambem ao seguinte: posteriormente a 18 de abril, estando Galeote no carcere modelo, solicitou entregar procuração a um tabelião, e este negou-se a isso, julgando o louco. O administrador e os outros empregados julgaram-n'o egualmente n'esse estado. Um individuo, que conheceu Galeote em Porto Rico, afirma que presenceou em Galeote acessos de loucura manifesta.

A primeira escaramuça

O presidente. Acusado: Promete dizer a verdade em tudo o que fôr perguntado e souber?

Galeote. Sim, senhor; a verdade e nada mais do que a verdade. Direi tudo, tudo, até as coisas mais minuciosas, afim de que todos tenham conhecimento do que se passou. Tenho 47 anos, sou sacerdote, nasci em Velez Malaga, vivo em Madrid ha seis anos e meio e nunca fui processado. Fixei o meu domicilio na rua Maior, n.º 61, 3.º, direito.

Delegado. Com quem vivia?

Galeote. Em uma casa de hospedes, com uma pessoa que me servia. Eu dava um tanto, e assim ia vivendo consoante podia. O aluguel da casa estava em nome da sr.ª D. Transito. Era ela a dona da casa. Essa senhora chegou a Madrid um mez depois de mim. Antes d'ela vir, vivia eu n'uma casa de hospedes, creio que na rua de Ciudad-Rodrigo, n.º 2. Conheci D. Transito em Malaga, e veiu para aqui porque não podia ganhar a sua vida lá. Eu conhecia-a, e convinha-me viver na sua casa, porque era muito economica.

Delegado. Por que vivia com D. Transito?

Galeote. Porque não havia de ser eu quem havia de varrer a casa, nem fazer a comida.

Delegado.—D. Transito não tinha mais hospedes?

Galeote. Já percebo a pergunta. Eu vivia com ela, porque me tratava muito bem.

Delegado. O que eu desejava saber era se ella veiu de Malaga por conselho seu pôr casa em Madrid.

Galeote. Estando eu em Malaga, disse-lhe *se algum dia fôr* para Madrid, conte com o preço da minha hospedagem. Não tinha outros hospedes, senão quando lhe chegavam os sobrinhos. Eu, em casa, pagava dez reales, e quando conseguia reunir algumas economias, comprava roupa.

Segue o interrogatorio

Delegado. Conte o que se recordar com relação a esta causa.

Galeote (com um masso de papeis na mão). Tenho aqui a historia desde o dia que cheguei a Madrid, e queria que me permitissem lel-a.

O presidente. Logo fará isso. Agora responda ás perguntas do sr. delegado.

Galeote.—São tantas as minudencias, que as tenho aqui apontadas, para que me não esqueçam. Por isso, como me podem esquecer alguns detalhes, que podem fortalecer a verdade da historia, não posso deixar de ler os meus apontamentos para me defender. Eu quero que tudo se esmiuce bem.

O presidente. A presidencia não póde consertir...

Galeote. Esta é a minha historia. Porque, não se ha de ler a minha historia? De outro modo não podem concordar, nem relacionar os fatos.

Presidente. Responda ao que se lhe pergunta.

Galeote. Bem, bem; ouvi ler a acusação, mas n'ela não ha nada de verdade; é falsissima! Eu responderei, seguindo a minha historia. Tenha v. s.ª a bondade de perguntar, que eu responderei tudo, sem esquecer coisa alguma. Perguntem-me tudo o que quizerem, que eu direi tudo quanto sei. Adiante.

Esclarecimentos

O advogado de defeza. Terá ocasião de relatar tudo. Aqui trata-se apenas de averiguar a verdade.

Galeote. Muito bem; mas eu necessito de muita benevolencia para ser ouvido.

Advogado. Não ha aqui ninguem que o prejudique.

Galeote. Preciso de falar, e quero fazel-o com toda a liberdade, como julgo que é necessario.

Presidente. Póde dizer o que quizer.

Delegado. Diga o que fez desde que chegou a Madrid.

Galeote. Comecei a dizer missa na capela do Santissimo Cristo de S. Gines. Apresentei os meus documentos, e ali me davam duas pesetas por cada missa como a todos os sacerdotes forasteiros ou transeuntes. Passados tres mezes, o encarregado [illegible] sto... da Salud, que é capelão da Encarnação, propoz-me que me daria dez reales se eu quizesse aceitar a missa d'ele, o que aceitei com prazer. Ali estive quatro anos, mais dia, menos dia. Mostravam-se todos muito satisfeitos comigo, não só por eu cumprir rigorosamente a minha obrigação, mas porque me tinham sempre pronto a assistir de graça. D'esse modo vivia bem, porque estava livre e independente. Quando vi na *Correspondencia* anunciada uma missa nos Irlandezes, despedi-me.

O padre Gabino prometeu [illegible] me, quando vagassem alguns cargos, mas disse me depois que era necessario que eu fosse formado. A ultima vez que o vi, na rua de Alcalá, disse-lhe eu: Padre Gabino, não se lembra de mim? E ele respondeu-me que chegaria brevemente o cardeal Payá, e que me recomendaria. Estive durante um mez e um dia nos Irlandezes, por doze reales, até que uma noite, a 4 ou 6 de março, o sacristão-mór veio a minha casa e disse-me: Quer aceitar uma missa de 14 reales? Quero. Pois vá ter com o sr. reitor. (O réu refere minuciosamente as suas entrevistas com o padre Vizcaino, ao qual se confessou muito grato, porque na ocasião dos terramotos lhe emprestou 50 duros para socorrer a sua familia.)

Mais tarde, continuou Galeote, descobri no padre Vizcaino um certo desapego. Havia um certo empenho em desgostar-me. Não pude resistir, e, um dia que deixou de me saudar, terminada a missa, fui ter com ele, e respondeu-me com modo aspero e brusco. Saí com a cabeça transtornada, fui para casa, e encontrei uma carta, que vou ler.

Presidente. Logo lerá.

Galeote. E' preciso inteirar-se bem do assunto. (Levanta-se e, muito agitado, com as mãos no ar, caminha de um lado para outro.)

Delegado. Não se exalte, que a carta será lida.

Galeote. Muito bem. Quando voltei

Folhetim

UMA RAPAZIADA

Ha dois anos, sentindo-me precisado de meter alguns metros cubicos de ar bom nos pulmões, fui até ás Caldas da Rainha.

Pleno, verão, manhã quente, mas bonita, batida de sol, e embalsamada de aromas saudaveis; apeei-me na Azambuja, quasi sem dar pelo transcurso das duas horas de caminho de ferro.

Coube-me por unico companheiro na diligencia um sujeito dos seus 20 e tantos, entrajado limpamente á lavradora. Chapeu preto, de estreitas abas duras, voltadas, terminando ao rez da copa; jaleca de peles, curta, com floreadas algibeiras lateraes, guarnecida de alamares de prata; sapatos de couro, sem graxa, de saltos de prateleira e grandes esporas de correia a amparem-lhe a orla da calça, justa, um tanto comprida, como convem para montar.

O bigode e as suissas, d'um negro forte, saiam-lhe da alvura latea da pele, ampliando-lhe o volume proporcionando do rosto.

Era um dorminhoco de primeira força, este meu companheiro de jornada; ás vezes, desequilibrava com os solavancos do vehiculo, soabria os olhos avermelhados para mim, e continuava, resignado, a soneca interrompida.

Como levava livros, não se me deu nada que ele dormisse.

Apeámos no Cercal.

Apezar de jantarmos á mesma meza, sempre sós, o meu companheiro houve por bem não romper com o mutismo trazido da diligencia.

Cheguei a convencer-me que o homem seria mudo.

Durante o jantar só levantou os olhos do prato, para despejar até á ultima gota uns enormes copos de vinho, quasi sempre esvasiados d'uma assentada.

— Se o homem não é mudo a valer, é impossivel que agora não desate a falar pelos cotovelos, dizia eu, ao notar-lhe as faces afogueadas, e o olhar incerto, d'uma incerteza particular, caraterizicamente alcoolica.

Pois nem assim! Bebeu como um carreiro, avermelhou-se como um tomate, mas o vinho porfiou em não descer-lhe dos olhos á lingua.

Em vista d'aquele phenomeno, lembrei-me do vinho triste de Julio Diniz, nas *Pupilas*, ratonamente comparado com o amor tambem triste.

Eu acendi um charuto, ele um enorme cachimbo lascivo, representando uma mulher nua, e proseguimos na derrota para as Caldas. O dorminhoco, depois de ter novamente passado pelo sono, despertou, soando um bocejo enorme, espreguiçando-se, e pôz-se a olhar para mim, como que desejoso de pegar de palestra.

Fechei o livro, para o animar, porque, com franqueza, eu receiava um atrofiamento lingual; estive quasi um dia sem falar.

— O senhor vem de Lisboa?

— Sim senhor, respondi.

— Conhece lá o passeio de S. Pedro de Alcantara?

— Perfeitamente.

— Pois n'esse passeio, ha bons seis anos, estando eu a estudar como pensionista n'um colegio, para os lados do Rato, aconteceu-me uma *partida*, que me fez deixar os estudos de vez, do que não estou arrependido, valha a verdade.

— Sim? disse eu vagamente curioso, a ver se o homem me contava a tal *partida*, que lhe partira os estudos.

— E' verdade! disse ele, ageitando uma perna sobre a outra, puxando duas fortes aspirações de fumo ao cachimbo, que encheram o breve espaço da diligencia de ondulações vaporosas.

*

Eis o que ele me contou, pouco modificado na fórma, mas o mesmo na essencia comica do caso.

— Estava eu a estudar como lhe disse n'um colegio de Lisboa.

O diretor—severo como todos os diretores—tinha recebido ordens verbaes, apertadas, de meu pae, para não me deixar pôr pé em ramo verde, ordens que ele cumpria á maravilha.

Não saía senão com o colegio, lá de tempos a tempos, ao Passeio da Estrela, ou ao Passeio Publico, com a irrevogavel cominação d'uma duzia de palmatoadas, caso fosse visto fóra das grades, d'aquelas grades malditas, que todos nós consideravamos uma verdadeira jaula.

Fiz o meu exame de instrução primaria sem R; enthusiasmado por tão grande feito escolastico, pedi ao diretor que me deixasse sair só, a ver a cidade, ainda não vista detidamente, n'um dia de pandega livre.

— Não senhor! respondeu secamente o meu diretor tyrano; tenho ordens muito expressas de seu pae, bem sabe.

— Uma vez só! aventurei, suplicante.

— Não senhor!

— Mas eu fiz exame, e fiquei aprovado!

— Não senhor!

Calei-me, protestando desde logo tomar a negada licença por minhas mãos.

Assim foi. No primeiro domingo de saida, desertei do Passeio da Estrela. Tinha perdido o medo ás palmatoadas.

Imagine o senhor, o que são os meus travessos dezeseis anos não fariam, á solta por essa Lisboa fóra!

Meu pae tinha mandado dar-me duas libras, como premio da minha aprovação; não me deixava sair, mas dava-me dinheiro—um verdadeiro suplicio, porque não o podia gastar muros a dentro do passeio.

Andei de trem; comi bons pasteis, bebi bom vinho do Porto; fiz a barba, quero dizer, rapei a penugem, porque barba ainda vinha longe; andei embarcado no Tejo; comprei uns retratos de mulheres bonitas; tirei o meu; fumei bons charutos, que por sinal me fizeram uma tosse dos diabos; comprei jornaes; jantei n'uma casa de pasto de primeira ordem, etc., etc.

E no meio de tudo isto, ainda fiquei com uma libra quasi intata; diverti-me muito por pouco dinheiro, como vê.

Anoitecia. Noite esplendida de luar, de que n'esse tempo eu gostava muito; hoje, tanto me faz lua, como sol, como treva.

Apezar de tudo isto, faltava-me ainda uma coisa—a conquista. Encontrei-a em S. Pedro de Alcantara, sentada n'um banco.

Que noite, santo Deus! Com que lembro ainda d'essa noite sonhadora e d'esse luar saudoso a pratear-lhe a face mimosa, e a acender-lhe nas pupilas diabolicas fulgurações suavissimas de luz, que me deslumbravam, que me prendiam mais a ela, a minha Dulcinéa d'aquela noite!

— Como é bela uma noite assim! disse eu, em ascensão extasiadora pela nuvem azulada dos meus ideaes, dos meus chimericos ideaes, baqueados de improviso, n'aquela noite, feridos de morte, na prosa vil d'este mundo ruim, que me propinou a descrença, pela boca traiçoeira d'aquela mulher-demonio, que a minha ingenuidade julgou anjo!

— Achas então bela uma noite assim! e poisava-me de leve a mão no hombro.

— Pois olha; eu, por muito belas que sejam as noites, declaro-te, francamente, diante d'este que te inebria, das auras que suspiram, da lua que namoras, e d'aqueles paspalhões, que lá debaixo nos fitam com a fixidez marmorea dos seus olhares impassiveis, empoleirados em marmore tão impassivel como eles, que a tudo isto, a tudo que existe de mais pitoresco, eu prefiro o espumar do *champagne* n'uma taça de oiro. E' com certeza menos poetico, mas muito mais positivo e animador.

— Então és ebria—voltei-lhe desorientado, combalido nos meus ideaes, e em tudo que lhe equivalesse proxima ou remotamente.

— Serei; se eu sou uma mulher do mundo!

— Pois bem—respondi, arrastando a voz para dar mais imponencia á replica. Se tu és uma mulher do mundo, sem crenças, estrangeira, talvez, com a alma tão amputada, que não sabe vibrar palpitante de comoção ás manifestações deslumbradoras do belo, perdôo-te o mau gosto (nem todos o podem ter bom); mas não posso perdoar-te a injuria, que disparaste contra aqueles vultos—e apontava a pedra alvejante dos bustos; por isso exijo-te, em nome da historia ultrajada do meu paiz, uma reparação para eles.

Porque, deves saber, ó mulher vilissima que adoras o *champagne* e o oiro, que aqueles que insultaste chamam-se Camões, João de Barros, o infante D. Henrique, o navegador; D. João de Castro, Pedro Alvares Cabral Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque.

Para todos eles fulge vivissimo o deslumbrante sol da historia. Quero, portanto, uma reparação em fórma para os meus heroes.

N'este entanto, passava rente á grade um embuçado, a quem ela deu o braço familiarmente, deixando-me de boca aberta, estarrecido, ante aquela impudencia desmarcada.

Não sei se a intervenção do embuçado foi combinada, se casual. O que sei, o que me lembra, o que nunca me esquecerá, é que apoz esta decéção meditei muito e descri das mulheres, da virtude, e de tudo que houvesse sem avaria no mundo.

*

Rojei as mulheres pela lama.

Imprequei a sociedade, que as tornou assim; enfurieí-me contra o champagne e contra o oiro, que as polue e as deshonesta. Tomei o prisma da fatalidade para olhar o mundo só atravez; sentime pequeno, ridiculo, tolo, na estafada Babilonia do estilo, que atufa, embriaga e corrompe os que se lhe aproximam puros e crentes, e que, a curto trexo, perdem crenças, coração e ideaes!

Queimava-me o sóro generoso do sangue da mocidade, e apoquentava-me o cognome de paspalhões, insolentemente irrogado aos bustos. Já decorreram uns poucos de anos sobre este incidente da minha vida de caloiro; e hoje, que não sou tão crente como era, nem tão descrente como fui, dá-me vontade de rir quando vou a Lisboa e passo por S. Pedro de Alcantara para ver os bustos.

Que eles me perdoem o ultrage imenso feito ás suas memorias venerandas, que eu tão desastradamente provoquei, e que não tive tempo para desafrontar!

Para concluir, meu amigo, que a historia já vae longa: desanimei de tal modo, que no outro dia, sem pôr os pés no colegio, parti para a minha terra, onde fui recebido a tabefe, por meu pae, que Deus tem.

Protestei não tornar a pôr os pés na Sodoma maldita, onde as mulheres escorraçam os ideaes, os que os tiveram, porque não lhes reforçam o gosto, para saborearem o champagne espumante em taças de oiro.

E' claro que o protesto varreu-se-me da memoria d'ahi a dias.

Agora o melhor da partida.

Depois de me desembasbacar, quando a mulher tinha já desaparecido, fui para ver as horas... e vi-me sem relogio e cadeia.

Se eles eram de oiro!

Eis uma rapaziada, que podia acontecer a qualquer de nós, *nos tempos do colegio*.

FAUSTINO DE MORAES,

a dizer missa estava na capela o padre Vizcaino. Disse-lhe que tinha sempre cumprido o meu dever. Eu sou digno e sou decente. Tratando-me com um modo tão brusco, tinha que defender a minha dignidade.

Um dialogo animadissimo

Delegado. Não comprehende que esse modo de proceder é improprio d'um sacerdote?

Galeote. Era proprio da minha honra e da minha dignidade. Um sacerdote, a quem se trata como um criado de servir! Quem me disse a razão por que me despediram?

Delegado. Acha que esses termos são proprios d'um sacerdote?

Galeote. Não valia ali nada a humildade. Se eu me tivesse conformado, seria apenas um comilão.

Delegado. Isso não está conforme com a doutrina cristã.

Galeote. A honra antes de tudo. O homem que se vê ferido na sua honra e na sua dignidade não póde transigir.

Delegado. De modo que não segue a maxima de Jesus Cristo, que, quando lhe davam uma bofetada, oferecia a outra face.

Galeote. Mas a mim davam-me mil bofetadas de uma só vez! Deus deu ao homem uma dignidade de que não póde prescindir.

Delegado. Diga-me porque.

Galeote. E' preciso explicar a razão por que se despede alguem. O modo por que me trataram não é digno de um sacerdote que se préza.

Delegado. O réu não está conforme com a resignação e a humildade da doutrina cristã.

Galeote. Que mais resignação e humildade do que estar sofrendo vexames, desconsiderações? O sr. delegado diz isso, mas não o faz.

Delegado. Quaes foram os motivos para se resentir d'esse modo do padre Vizcaino?

Galeote. Nunca me resenti d'ele. Sofri até não poder mais, e quando já não pude... Despedir-me como a uma criada? Eu não podia resistir áquilo. Cumpri com o meu dever.

Delegado. Tinha rancor ao sr. Vizcaino?

Galeote. Nunca o tive nem o terei.

Delegado. Sabe que o odio é um mau sentimento?

Galeote. Isso não me está na massa do sangue! Fez-me tantas ofensas! Verão já a minha historia [illegible]

Delegado. Acaba de confessar que não tem odio a ninguem.

Galeote. A ninguem. (Em gesto solêne).

Delegado. Porque não tem? Porque é uma paixão degradante que não fica bem a uma pessoa honrada.

Galeote. O odio é indigno. Não quero senão defender a minha honra.

Delegado. Como terminou as suas relações com o padre Vizcaino?

Galeote. Eu disse-lhe: Julga que [illegible] milha por me ter dado os 50 duros, quando socorri com eles a minha familia, por ocasião dos terramotos? Disse-lhe que aquele procedimento era indigno e que eu não sofreria que a minha honra e a minha dignidade fossem sacrificadas. Para as defender era capaz de tudo. Não deviam despedir-me d'aquela maneira tão vexatoria.

Delegado. Que interesse tinha em que o despedissem por escrito?

Galeote. Porque achava muito justo ir depois ter com o meu prelado. Eu não falei em nada ao sr. Vizcaino; se houve falta, foi da sua parte.

Delegado. E a sua consciencia não reprovava essa linguagem?

Galeote. N'esse momento não me lembrou a consciencia, apenas me recordava que estava muito ferido e que já tinha tido demasiada paciencia. Fui procurar o sr. bispo e contei-lhe tudo que se tinha passado, pedindo-lhe que chamasse o sr. Vizcaino para nos ouvir e nos julgar. Bem, bem — me disse — eu o chamarei.

Delegado. Como é que o réu recomendava ao sr. Vizcaino que não fizesse caso de ditos e o réu pelo contrario acreditava no que lhe contavam os sacristãos?

Galeote. Se estes ditos não me dissessem respeito, eu não fazia caso, dizia a minha missa e nada mais; mas, como me feriam na minha dignidade, havia de tomar uma resolução.

(O réu adiantou alguns pormenores já conhecidos pelas suas cartas, sobre os acontecimentos que seguiram á sua indisposição com o sr. Vizcaino.)

O rewolver

Galeote. Uma noite lembrei-me de ir ter com o sr. Romero Robledo, que me disseram ser um homem nobre e franco. Procurei-o para interceder por mim junto do sr. bispo. Fui recebido pela senhora, que me prometeu falaria ao marido. N'esse dia tinha eu um rewolver, que possuia havia nove anos, e que nunca usára.

(O secretario mostra o rewolver.)

Galeote. E' esse, ou muito parecido. Comprei-o um dia a um companheiro, que precisava de dinheiro, depois vendeu a cadeia e o relogio. Eu paguei por isso o preço de 7 rewolvers.

Delegado. Recorda-se de quanto lhe custou?

Galeote. Sei que lhe dei um punhado de duros, mas não sei quanto. Fui á rua de Alcalá e comprei capsulas. Quando cortei a ultima estava já muito desesperado.

Delegado. Para que as comprou?

Galeote. Porque tive ideias de dar um ou dois tiros se encontrasse o sr. Vizcaino.

Delegado. Não sabe que isto é prohibido pela religião?

Galeote. Não pensava senão na minha humilhação.

Delegado. E julga que, matando a pessoa que nos ofendeu, fica a honra imaculada?

Galeote. Creio que, dados certos casos, tudo é licito. Um dia vi o padre Vizcaino e, se levasse o rewolver, dava-lhe um tiro.

Depois refere outros pormenores, as suas entrevistas com diversas pessoas para obter um emprego adequado á sua classe e em seguida suspendeu-se a sessão por dez minutos.

As ameaças

O réu recorda minuciosamento os factos referidos nas cartas dirigidas ao bispo e ao padre Gabino; e afirma que recorreu ás ameaças, porque se lhe esgotára a paciencia.

Delegado. Quando fez essas ameaças, achava-se com falta de meios?

Galeote. No que menos pensava era n'isso. Sou tão orgulhoso que, quando tenho um, cuido que possuo quinhentos. Tão desesperado me vi, que um dia anunciei n'um periodico que desejava ser porteiro.

Delegado. E para que fazia isso?

Galeote. Para chamar a atenção do prelado, a fim de que me fizesse justiça, e para reparar a minha honra.

Delegado. Quanto dispendia em sua casa?

Galeote. Tinha só 10 reales. Um homem para viver miseravelmente necessita de 16 ou 18 reales, e é preciso que não fume e não faça outras coisas que escuso enunciar.

O desespero

Galeote. N'um dia, desesperado, tomei a deliberação de publicar tudo quanto se passava contra minhas ideias e pensamentos e por isso disse ao padre Gabino que sentia muito o ter de me ocupar d'ele.

Delegado. Como fez isso contra suas ideias e pensamentos?

Galeote. Porque me vi obrigado a isso, por não me fazerem justiça.

Delegado. Reconhece que andou mal?

Galeote. Não, porque o homem que defende a sua dignidade não anda mal. Digam a v. s.ª uma palavra ofensiva e veremos se não prepara logo uma pistola.

Delegado. Isso nunca.

Galeote. Então terá v. s.ª a virtude martir, que Deus me não deu a mim. Nenhum jornal quiz publicar as minhas queixas. D. Transito, vendo-me tão desesperado, procurou o padre Gabino, e disse-lhe qual era a minha situação.

Delegado. Por que confiava os seus segredos da dona da casa?

Galeote. Eu não lh'os confiava. Ela via tudo.

Em seguida o réu declara que a honra vale mais que a vida. A egreja aprova como justo e licito quando se mata um injusto agressor.

Refere como de ha tempos esperava o bispo na Puerta del Sol, para disparar.

Delegado. Não via que podia matar qualquer cocheiro?

Galeote. Isso é bom para v. s.ª! Se estivesse como eu, não pensava em coche, nem em cocheiro, nem em nada.

D. Transito

Galeote. Um dia comecei a dar voltas pela Puerta del Sol. Passado um bocado fui a casa, e disse-me D. Transito que tinha escrito a minha familia. Contei-lhe a conversação que tivera com o padre Agustin, deão de Porto Rico, e ela disse-me: Vá fazer o que lhe digo. Tire a barba e arranje-se bem. Eu, porém, não acedi ao pedido que ela me fazia.

Delegado. Tratava com D. Transito por tu?

Galeote. Não entremos por ahi, sr. delegado, que, se entramos por ahi, entraremos. Suponha, porém, que nos tratamos por tu, e abra caminho o senhor, que por ahi nos encontraremos.

Antes do assassinio

Galeote. Cheguei na sexta-feira das Dores e fui á catedral, porque n'esse dia o bispo dava a communhão, e encontrei-o no caminho. Vi-o sair de sua casa, de trem, vestido com o seu habito, e saudei-o com a maior humildade. Fez vista grossa. Notei que o familiar fazia sinaes afirmativos, não sabendo, porem, o que diriam. Fui á catedral, e puz-me na frente d'ele, que fez que não me via.

Delegado. Que pretendia que fizesse o bispo vendo-o ao senhor?

Galeote. Que visse que tinha sido ele que me vestira os habitos, como me tinham ordenado, e se compadecesse de mim. Vamos a ver outra coisa (pensativo). Nada, não me recordo. Ah! senhor. No outro dia, D. Transito recebeu uma carta da minha familia, na qual meu pae dizia que tinha telegrafado ao bispo, e então me puz a dansar de contente. O bispo não atendeu ás suplicas de meu pae. Depois de tantos rogos e ameaças quaes eram as intenções do bispo? Não me dirá? Dias antes escrevi uma noticia escandalosa, que importava uma ameaça ao bispo. Levei-a á *Fé* e não m'a quizeram publicar; mas o diretor esteve muito amavel comigo, e, contando-lhe o que se passava, disse-me que procurasse o padre Gabino. E tambem me disse: Vá o senhor ao *Siglo Futuro!* Fui, e disseram-me: Mandaram-n'o de *La Fé* para que publiquemos isto? Não me quizeram publicar a noticia, mas déram-me uma carta de recomendação para um senhor do tribunal de la Rota.

O assassino

Chegado que foi o dia 18 de abril — continuou dizendo Galeote — ataviei-me, escondi comigo um rewolver, fui para a rua, para junto de uma coluna da catedral. Veio o bispo, descendo do coche; havia muita gente, e, sem que fizesse pontaria fixa, disparei. Nada mais vi senão agarrarem-me a mão; quizeram matar-me, e a muito custo meteram-me em um trem e me levaram para o carcere. Ali me fizeram muitas perguntas.

Dez ou doze dias depois de estar na prisão, me perguntaram se eu era maçon ou verdadeiro cristão. Emfim, muitas perguntas, cartas anonimas, talvez por julgarem que me tinha apartado das santas doutrinas que meu pae me ensinára.

Delegado. As doutrinas de seu pae ensinavam-n'o a matar?

Galeote. Meu pae não me ensinou a matar! Mas quando chegam certas ocasiões, não ha mais remedio senão matar.

Delegado. E o mandamento que diz não *matarás?*

Galeote. Ah! Pois ponha-se logo o senhor a estudar teologia dogmatica. Ha muitas circumstancias... Veja o senhor o que diz S. Tomaz.

Delegado. S. Tomaz autorisa o assasinio?

Galeote. Eu não sou assassino. Galeote não é um assassino. Galeote nunca matou, não mata nem matará. (Muito exaltado). Casos, como o presente, Deus queira que não se me apresentem, porque faria o mesmo. Não se póde fazer de outro modo.

Eu não matei pessoa alguma. Eu fui um instrumento. Obrigaram me, porque tinham atentado contra a minha honra, e tinha esgotados todos os meus recursos.

Delegado. E crê que, tendo metado o bispo, a sua honra ficou limpa.

Galeote. Qual! Não, senhor. Sinto o resultado fatal, que se deu; sou o primeiro a sentil-o e a deploral-o, porque obrei contra os meus sentimentos.

Que sobre mim lancem a culpa, não é possivel.

O bispo matou-se a si proprio.

Delegado. De modo que foi o senhor quem causou a morte ao sr. bispo.

Galeote. Ah! Sim, senhor, assim o julgo. E se tivesse ferido, e tivesse vivido, tambem a minha honra ficava desafrontada. Se o tivesse visto na Puerta del Sol, eu mesmo me adiantaria para o coche. Que queria sua senhoria? Que ficasse muito *descançadinho?*

Delegado. Porque matou o bispo, quando o seu resentimento era para com o sr. Vizcaino?

Galeote. Porque o sr. Vizcaino nada tinha com isto, nem de coisa alguma era responsavel. O responsavel era o superior, porque nas suas mãos estava a questão da minha honra. Que culpa tinha o sr. Vizcaino? Porque não se importava o bispo com esta questão? Que me metesse em um convento ou em um seminario, e tudo estaria acabado. Porém, não fazia caso de mim, e tratava-me como se eu fora um cão.

Delegado. Ter-se-ia contentado em o encerrarem em um seminario?

Galeote. Não sei. Queria ser atendido. Ai! ai! Que coisas. Sr. delegado, sua senhoria está procurando lenha onde não a ha, não a encontra, nem a encontrará. As cartas tudo dizem, e tudo por elas está confirmado.

Arrependimento?

Delegado. Tem sentido remorsos desde que está na prisão?

Galeote. Algumas vezes tem-me lembrado, na prisão, as travessuras que todos fazem quando criança. Tenho-me lembrado de Deus, de tudo; porém, não sei porque, quando me lembro, não me lembro de nada, de nada, de nada. E comtudo recordo-me de muitas outras coisas que tenho passado na minha vida.

—

O resto da sessão, que foi suspensa ás cinco e meia da tarde, foi gasto em perguntas e explicações sobre uma carta dirigida por Galeote ao nuncio de Sua Santidade, e outra dirigida ao cabido da catedral.

O acusado declarou que o unico fim que tivera, quando escreveu aquelas cartas, fôra ver se reparava o escandalo que promovera com a morte do bispo, e abafar as murmurações dos impios.

Correio do Sul

Lisboa, 4 de outubro de 1886.

(D'outro nosso correspondente)

Supondo que verdade seja o que ouvi, e disse na minha correspondencia de 30 de setembro, isto é: fazerem-se descontos nos vencimentos dos veteranos, não pode ser senão em virtude da lei, ou ordens superiores; do contrario, seria um abuso, de que poderiam resultar graves consequencias para quem tal ouzasse fazer. Se é lei cumpra-se, porque, assim como onde ela não manda, ninguem pode mandar, do mesmo modo o que ela estatue deve cumprir-se pontualissimamente. Se a lei tal manda, ponha-se-lhe cobro, dado o caso de verdade ser.

O que a lei, decerto, não determinará, é que se façam descontos para agio de notas, quando podem trocar-se no banco sem desconto; e não mandará tambem que se descontem 200 reis! por quinzena a cada uma praça, para se gratificar uma ordenança á secretaria do comandante. E' isto o que precisa deslindar-se por meio de uma sindicancia (sindicancia) para acabarem pretextos para falatorio, talvez sem motivo, nem razão; e para isso chamaremos de novo a atenção de suas ex.as o sr. ministro da guerra e general da divizão. Na ipotese, porém, de que verdade fosse o que se diz, moralisemos um pouco. A distráção é tão necessaria ao espirito, como o alimento ao corpo.

Concedamos que se descontam 10 reis por agio de notas quinzenalmente a cada praça; e 200 reis, tambem quinzenalmente, para gratificação d'uma ordenança á secretaria do comandante, (embora se não saiba *em que zona mora a tal secretaria*, a não ser que á loja de bebidas, á da mercearia, ao mercado e ao talho, se dê o nome de secretaria: emfim a ordenança alguma coisa ha-de ter que fazer) e que essa gratificação é de 160 reis por dia, ou 4$800 reis no mez. O desconto de 10 reis por quinzena a cada praça, sendo as praças apenas 200 (são mais, e muitas mais, o duplo mesmo; mas tomemos para baze de calculo, apenas 200) produz no mez, 4$000 reis; o de 200 reis por quinzena, 80$000 reis; total 84$000 reis. Deduzindo-se 4$800 reis para a tal gratificação, e *15$000* reis para a do comandante, temos 19$800, ficando-nos, por conseguinte, um saldo de 64$200 reis. Qual é o destino de tal dinheiro? E' isto o que deve apurar-se. Se ha abuzo, córte-se pela raiz; se o não ha, recomende-se, determine-se mesmo, aos *queixosos*, que tenham mais moderação na pontinha da lingua. Por meio de uma sindicancia (verdadeiramente dita) se deve chegar á verdade. Sindique-se, pois.

Depois d'isto, dois dedos de conversa, visto que, felizmente, temos tempo.

Se nas companhias dos corpos, em serviço átivo, ha um comandante e dois subalternos, qual a razão porque nas companhias de veteranos os não ha-de haver, quando estas são mais, e muito mais numerosas, do que aquelas? Porque não ha de haver nas companhias dos veteranos uma especie de conselho administrativo? Porque não ha-de haver um livro caixa, visto que se recebem fundos, e se lhes dá destino; e porque não ha-de haver um pequeno cofre com tres chaves: uma em poder de cada um dos tres oficiaes, compondo o conselho, de que o comandante seja o prezidente? Da pagadoria recebem-se fundos, que teem destino; não serão muitos contos de reis, mas é dinheiro da fazenda; e não será fóra de proposito haver um cofre para se guardar, emquanto o verdadeiro destino se lhe não dá, e um livro para a sua escrituração, para que de momento se possa dar um balanço, e fiscalisar devidamente as operações. As relações de vencimentos, sós, não satisfazem; livro, dizem-me que o não ha. O comandante da companhia tem hoje todo o trabalho, pouco ou muito; por ele tem uma gratificação de 15$000 reis mensaes. Muito bem; é de toda a justiça gratificar-se quem trabalha; mas divida-se esse trabalho tambem pelos dois subalternos, tornando-o mais suave; determinando-se superiormente, qual aquele porque cada um dos tres oficiaes fica sendo primeiro responsavel, suposto que na responsabilidade por fundos o sejam todos, e reduza-se a gratificação do comandante de 15 a 10 mil reis, dando se uma gratificação de 5$000 reis a cada um dos subalternos. D'onde hoje sáem os 15$000 reis para o comandante, podem sair 20, em que importar devem as tres gratificações aos tres oficiaes. Nem a redução da gratificação do comandante, de 15 a 10, pode melindral-o; pelo contrario, visto que se alivia de duas terças partes do trabalho, em quanto que só se lhe abate um terço da gratificação. Se, porém, melindrar, largue, porque não se lhe porão facas ao peito para continuar n'aquele serviço. Em fim o que se precisa é de sindicancia em primeiro que tudo. Em todo o caso, porém, o que não pode continuar, é estar um só homem n'aquela comissão, sacando fundos, fazendo pagamentos e, segundo consta, descontos, sem que superiormente, e com toda a seriedade se olhe por tal.

No que deixo dito não ha a menor sombra de insinuação: é um homem que está á testa de todo aquele movimento, que ainda assim não é pequeno; esse homem pode andar, e, decerto, andará, como andar deve todo o homem, que se préza a si, que préza a sua dignidade e honra: pode andar muito bem, pontualissimamente até; com o maior escrupulo de consciencia, não discrepando um ápice da letra da lei ou das ordens superiores; mas é um homem, está sujeito ás contingencias da vida, e não pode fugir ás leis da natureza: pode n'um momento ter um acidente qualquer que o impossibilite de dar contas e prestar esclarecimentos, e por conseguinte é de necessidade haver quem n'esse mesmo momento o substitua n'aquelas e n'estes. Segundo me afirmam, ainda ha pouco se deu n'uma companhia de veteranos um d'esses cazos. O comandante da companhia teve repentinamente um ataque apopletico, ou coisa parecida: foi ungido a toda a pressa, julgaram-o morto; ficando n'um intruzo, que, havia tempos, *lhe fazia a escrituração mediante um contrato particular, dando-lhe ele 10$ reis mensalmente*, a passar recibos, receber fundos; a fazer pagamentos (talvez descontos) e passar atestados e outros documentos, tudo em nome do comandante, que tal não autorisava, nem autorisar podia; nem de tal sabia, porque, no leito da dór, quasi não dava sinaes de vida, e isto durante algumas quinzenas, e até mezes, emquanto durou a sua impossibilidade. Seria isto legal? Seria regular, seria admissivel; deveria tolerar-se, seria ao menos toleravel?! Só os anjos poderão responder...

Se na companhia houvesse um subalterno, teria substituido o comandante no seu serviço, á imitação das companhias em efétivo serviço; não se daria a irregularidade, que se deu, de estar um intruzo, que poderia ter abuzado e sem responsabilidade diréta, a *fazêr* de comandante.

Longa vai já a conversa a respeito de veteranos; ponhamos-lhe ponto por hoje, e guardemos o resto para outra vez, por que as circumstancias assim o pedem.

Borges.

Sciencias

MOLESTIA DAS OLIVEIRAS

Esta arvore, oriunda da Grecia, é miseravelmente tratada,—diz um estimavel colega nosso e isto é verdade. Não se estruma, falta-se-lhe com a indispensavel poda, não se vareja com a devida cautela, não se fazem plantações rasoaveis. Um completo abandono!

Vêem-se olivaes decrepitos, outros em bom estado e bem conservados; mas o que é raro vêr-se são olivaes novos, plantados por pessoa que deveras se dedique a esta cultura, e que mais tarde dariam um bom lucro que compensaria os gastos e trabalhos de quem os mandasse plantar. Ainda ha pessoas que se dedicam a esta cultura, mas o seu numero não é elevado.

Não é raro ver oliveiras revestidas de musgo, tendo a parte dos ramos seca, e sendo a sua produção diminutissima.

Tudo isto provem de lhe escassear o competente e indispensavel adubo, não lhes darem as convenientes podas, e varejal-as desapiedadamente com tempo humido e chuvoso.

Quasi todos os lavradores encarregados de fabricarem as terras têm uma negação absoluta para as adubarem, desde o momento que elas estejam assombradas com arvores.

Como é sabido, as oliveiras acham-se dispersas pelo meio dos campos, tornando mais dificultosa a [illegible], mas apezar d'isso mais faceis de se estrumarem.

Convencel-os a que [illegible] o competente adubo aos olivaes [illegible] de que melhor produza a oliveira, só uma força sobrenatural o poderia fazer, [illegible] ha meios que a isso os persuada.

No tocante á poda, po[illegible]simos são os individuos que l'ha saib[illegible] dar! Falando a muitos n'este especial e necessario trabalho, respondem que não se póde tirar a lenha que dá o azeite, e embora lhe tirem alguma, fazem este trabalho tão mal feito, que causa tedio vel-o.

Que desenvolvimento se notaria na oliveira, se lhes desse a poda anual bem dirigida, ou pelo menos de dois em dois anos? Elas renovariam, a lenha seca desapareceria, seriam mais duraveis, exerceriam mais livremente as funções de absorção e exhalação, etc.

O serviço da vareja é que se faz horrivelmente. Com tempo chuvoso e humido, castigam-as com uma vara forte, a ponto de lhes deitarem abaixo quasi todos os olhos!

Se a azeitona fosse sómente ripada á mão e com tempo bom, não se veria tantas oliveiras a definhar e aveladas, sendo a produção de dois em dois anos pequenissima.

Se esta arvore fosse cuidadosamente tratada como no Douro, Lamego, Coimbra e outros sitios, a produção seria mais regular, e não estaria sujeita a tantas vicissitudes.

E isto que se observa no reino vegetal, tambem se dá no reino animal. Se o corpo humano não fôr tratado com a dediva cautela, tendo uma rasoavel alimentação e dando se-lhe a competente limpeza, expõe-se a doenças que em breve tempo o prostram na sepultura. Quantas pessoas morrem por falta de tratamento? Assim sucede no reino vegetal.

E', todavia, de necessidade que os proprietarios se vão compenetrando d'estas verdades, fazendo cumprir com os seus deveres os caseiros que lhes cultivam as terras; de contrario verão desaparecer pouco e pouco uma boa arvore, que poderosamente concorre para a sua sustentação e conservação da vida.

Arabescos e Miniaturas

MULHER FELIZ

(De Carolus Brio)

A baroneza foi para o bosque. O seu pequeno coupé gira em volta do lago. N'esse açafate de setim, a sua loira beleza fulge como um astro. Os seus pés, verdadeiras joias de *étagère*, dormem na almofada. Um *bouquet* de lilazes brancos põe-lhe uma aureola de perfumes.

Em torno d'ela, os cavaleiros comprimentam. Pequeninos sinaes de cabeça esvoaçam pela portinhola do trem,—uns banaes e já de antemão sabidos, outros mais intimos, envoltos n'um pestanejar encantador. Os principes do *high-life* disputam os atomos dos seus sorrisos, cheios de efluvios. Dir-se-iam mendigos correndo atraz do carro d'uma boa fada.

A baroneza passa, indiferente. O seu olhar azulado tem afagos e caricias vagos. A luz das suas pupilas afoga-se na multidão. E que multidão! Colossal lanterna magica, cujos quadros são outras tantas paginas da historia mundana. Mulheres, reclinadas nos seus landaus, passeiam impudentemente as suas *toiletes* de cem louis. Mimi Pinson hontem, cocotes hoje. «*Dais ilic hæc otia fecit.*» Vão ali burguezas e duquezas, altezas e dançarinas. Encontram-se ali nomes historicos e alcunhas galantes; grandes damas imitando as *beles petites* e *beles petites* parodiando seriamente as grandes damas. E' a comedia humana com as suas mil facetas e os seus ricos ouropeis. A baroneza olha e não vê; a baroneza está nervosa.

A baroneza está nervosa! Que quer, pois, essa creança estragada por mimos? O seu coupé é o mais elegante que circula no bosque, e a parelha de baios, além de custosa, trota admiravelmente. Invejam-se as librés brilhantes dos seus lacaios; as suas *toiletes* fazem sensação.

E' que a baroneza encontrou Flavignac, e Flavignac seguiu a sua carruagem.

Bah! Terá ela, por acaso, medo d'esse bonito rapaz? O seu chapeu Rembrandt saltará da cabeça da baroneza *pour franchir le beau premier moutin?* Qual! não devemos pensar em semelhante coisa.

Comtudo, Flavignac beijou-lhe a mão. Esse beijo fez correr um calafrio pelos hombros e seio da baroneza; Flavignac é belo e joven; ha tres anos que a ama, em quanto que o barão...

Um suspiro agita-lhe o colo, de linha opulenta e flexivel. Está em Longchamps. A baroneza respira. O bosque tinha palavras de fauno. O cortinado de colinas que acaricia o Sena, transmite á sua alma o quer que seja do sol, que as polvilha de frechas doiradas. O outono aquece-se a esse doce calor na beatitude contemplativa de um ancião. Como tudo isso é simplesmente belo! Vile de Avray, com as suas massas de verdura ainda povoadas das ninfas de Corot; Saint-Cloud, sobrepondo alegremente a sua casaria sobre a colina banhada de sol, e o Monte Valeriano, que dorme!

O coração tem bruscas mudanças, segundo o espelho em que se mira. Como todas as imaginações vivas, a baroneza comprehende a natureza. Ela corre na campina, suspensa no mantosinho azul do sonho. As suas narinas rosadas aspiram a flora dos bosques...

*

Mas, subitamente, o cocheiro modera o ardor da parelha. Semelhantes a rebanhos de earneiros espantados, as equipagens roçam umas por outras. O perfil de Flavignac desenha-se na verdura.

— Bom dia, baroneza.

E eis a nossa baroneza perdida por montes e vales. Adeus, campos verdejantes!

Ao favor dos choupaes entrecruzados, n'uma azinhaga discreta como um *boudoir*, a baroneza desce do coupé. As folhas estalejam sob a pressão das suas botinas com um ruido sêco.

N'essa azinhaga ha recessos e espessuras infinitas, onde os preludios das aves dão o tom ao gorgeiar dos amantes. Flavignac oferece-lhe o braço, — podia ela recusar? As mulheres honestas têem d'essas imprudencias.

Curiosidade talvez; mas foi a curiosidade que perdeu Eva. No Pré-Catalan humedeceu os labios n'uma taça de leite, mugido á vista, com uma golodice requintada, á semelhança d'uma gata de estimação. Isso torna-a bonita; ela bem o sabe.

Seis horas! E' o minuto da Cendrilon. Em vez do pantufo, a baroneza deixa o coração nas mãos de Flavignac.

Na avenida do bosque de Bolonha passam miriadas de carruagens, russas, inglezas, francezas,—um pouco para todos os gostos,—n'uma atmosfera saturada de rumores sonoros. Por entre os caleches de oito molas, os trens de praça parecem dormitar. Os cocheiros trocam sinaes de inteligencia, e Deus sabe o que eles dizem n'uns risinhos maliciosos...

Lá em baixo o Arco do Triumfo projéta no solo humido o seu perfil de colosso. Um gigante n'um formigueiro. Cordões de gaz correm nos renques de arvores, doirando-lhes a folhagem tremula. Aqui e ali os acendedores põem fogos fatuos na bruma crepuscular. Paris veste-se de noite. As casas perdem-se no escuro. Ao longe, o Obelisco levanta-se como uma quilha gigantesca.

Enovelada sob a pele de raposa argentes, a baroneza pensa. Em torno d'ela, as carruagens vão e vem, com grandes ruidos metalicos das rodas. O seu pensamento corre ao rapido trote dos seus dois *pur-sang*. Atraz, a campina vae adormecendo no silencio e na quietação. Só Paris a contemplava com um sorriso de vencedor. O seu palacio assusta-a.

Com toda a criadagem, e apezar dos seus tesouros artisticos, a casa está deserta, apresenta o vacuo. O barão janta no club; ha muito tempo que a baroneza é viuva!

Ao despedir-se, Flavignac disse-lhe baixinha: «Amo-te sempre!» Estas palavras morderam-lhe o coração. A voz do conde tinha n'esse dia estranhos enlaçamentos.

N'esse momento, a lanterna do *coupé* projéta a sua luz sobre a loira cabeça d'uma creança.

A baroneza beija as faces rosadas do seu pequeno Roberto, e murmura:

— Não tornarei mais a ver Flavignac!

E as lagrimas saltaram-lhe como perolas. Certa mulher do povo, ao vel-a, dizia muito pasmada:

— Ali vae uma que é feliz!

(*Trad.*)

AGNELO OSCAR.

Bibliografia

— «*2 de Setembro.* Foi distribuido o n.º 34 da notavel revista lisbonense *A Bandeira Portugueza.* Traz uma serie de artigos curiosos escritos com rara energia. Na parte artistica insere uma polka para piano, expressamente composta pelo distinto professor Carlos Braga, com o titulo *2 de Setembro.* E' um gracioso trexo, digno d'esta revista tão popular e barata. Assignatura, trimestre 700 reis. Assigna-se na rua dos Fanqueiros, 207 1.º, Lisboa.»

— «*Açafate de costura.* Publicou-se o n.º 18, da 2.ª serie, que contém o seguinte sumario:

Seção de letras—Continuação de varios alfabetos principiados—todos de bonito gosto.

Seção de bordados—1, Canto para recorte. 2, Gola de camisa para bordar a branco. 3, Cós de ceroulas para bordar a soutáxe. 4, Tira bordada. 5, Canto de lenço. 6, Canto para diversas aplicações. 7, Tira de guarnição a crochet.»

— «*O Elegante.* São de muita novidade e bom gosto os figurinos das ultimas modas para homens, publicados por aquele jornal. Em o n.º 40, correspondente ao mez de outubro, encontra-se tambem grande variedade de artigos literarios em diferentes generos, isto além da explicação dos moldes e seu corte, e descrição de todas as gravuras, muitas das quaes são coloridas. Cada numero, com folha de figurinos coloridos, etc., 400 reis. Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52.»

— «*A Moda Ilustrada.* Continua a manter-se á altura dos bons creditos de que gosa e do apreço em que é tida por todas as elegantes de mais fino gosto. O n.º 187, correspondente ao 1.º de outubro, é um perfeito *atelier* de modas onde se encontram os ultimos figurinos parisienses, os mais distintos modelos de chapéos, uma variedade imensa de desenhos, debuxos, bordados, etc., bem como os moldes de todos os vestuarios. A parte literaria, além de todas as descrições e explicações relativas ás gravuras e folha de figurinos coloridos, contém interessantes seções como romance, contos, cronica da moda, charadas, enigmas etc. etc. Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaia, 40 a 52. Preço do numero avulso, contendo folha de figurinos coloridos, 200 reis.»

— «*A Estação*, jornal ilustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º do 1.º de outubro, cujo sumario é o seguinte:—Cronica da moda. *Gravuras*: Costume com corpo jaqueta. Costume com mantelete. Touca caseira. Paletó comprido com murça e capuz. Châteleine, Costume com arregaço comprido. Costume para menino de 3 a 4 anos. Costume para menina de 5 a 7 anos. Costume com tunica, sobretudo. Costume com corpo e cinto. Costume com corpo curto. Lenços d'algibeira, de fantasia. Toilete para luto. Avental blusa, para creança de 1 a 2 anos. Capota com laço alsaciano. Paletó com capuz, para menina de 9 a 11 anos. Vestido á maruja, para menina. Mantelete curto, para meia estação. Vestidinho de crochet, para menina. Toilete de sarau, guarnecido de renda e laços de fita. Toilete de seda lisa e com desenhos, para saráu. Luvas guarnecidas de pintura. Costume guarnecido de bordado hungaro. Manto redondo. Paletó, blusa, bonet e polainas de caça, para homem. Tapetes, cercaduras, bordados, etc. etc. Um figurino colorido, representando: Costume de fazenda de lã lisa e com desenhos, para menina. Costume com tunica, sobretudo. *Suplemento*:—Moldes, diferentes modelos de bordados e iniciaes, etc.»

— «*O Agricultor Portuguez.* Eis o sumario do n.º 13, de 1 de outubro; — Revista agricola, Rodrigues de Moraes; O valor dos adubos, A. F.; Plantas selétas extra-tropicas, Vilar d'Alen; Tabaco, Vilar d'Alen; A questão dos cereaes, Antonio X. P. Coutinho; A vermelhidão da vinha, Ernesto Freire; Variedades, A. F.; Cauterisação transcurrente potencial, Alves Tórgo; Sobre a virulencia dos liquidos normaes do organismo em caso de mormo, Alves Tórgo; Veterinaria para lavradores, Alves Tórgo.

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 30

Concessão de diferentes mercês honorificas.

Boletim de sanidade maritima declarando inficionados de colera-morbus, desde o dia 18 de setembro, os diferentes portos da ilha da Sardenha.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Diario de 1

Decreto sobre as tabelas dos valores medios, para as mercadorias exportadas durante o quarto trimestre de 1886, e para o carvão vegetal no mercado de Lisboa.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Relatorio sobre o comercio, navegação e industria da Goréa, referido ao ano de 1885.

Diario de 2

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Telegrafia

Buda-Pesth, 30.—O sr. Tisza, presidente do conselho de ministros, respondendo hoje a uma interpelação no parlamento hungaro, disse que não ha nenhumas combinações entre as potencias, para a divisão de seus interesses na peninsula dos Balkans. A Hungria quer manter a independencia individual dos Estados balbanicos, acrescentou, e ha de obstar ao protétorado de qualquer potencia a aliança da Austria-Hungria e Alemanha, que continua a assentar nas mesmas bases que servem para manter a paz: «Não autorisaremos nenhuma ocupação nem protetorado algum, mas evitaremos toda e qualquer declaração; depois manteremos o nosso fim com a seriedade necessaria para salvaguardarmos a nossa autoridade»

Montpelier, 30.—O sr. Freicinet recebeu hoje a visita do bispo d'esta diocese, o qual lhe disse, que ele e o seu clero estão compenetrados de um vivo sentimento dos seus deveres para com a egreja e a França, e acrescentou: Colocados fóra dos partidos politicos dar-nosiamos por muitos felizes, se podessemos levar todos os nossos concidadãos a conservar as crenças que fizeram a grandeza da França no passado, e que lhe assegurariam a grandeza no futuro. O sr. Freicinet agradeceu ao bispo estas expressões, e manifestou o voto de que taes sentimentos fossem compartilhados por todo o clero francez.

Madrid, 30.—E' muito comentada nos circulos politicos a declaração do jornal *A Correspondencia de Hespanha* ácerca da firme atitude do governo hespanhol em pedir á França a expulsão do sr. Ruiz Zorrila, e sobre o aparecimento de guerrilhas republicanas na Catalunha, atribuido á tolerancia das autoridades francezas da fronteira.

Paris, 30.—O duque d'Aumale fez doação do palacio de Chantilí e suas dependencias ao Instituto de França, para estabelecer ali um museu. O rendimento de Chantilí é avaliado em 500:000 francos.

Londres, 1.—Os jornaes inglezes consideram o discurso do sr. Tisza, no parlamento hungaro, como um desafio á Russia e uma intimação a que se detenha.

Paris, 1.—O jornal *La Republique de Tarbes* publica um manifesto revolucionario do duque de Sevilha, assegurando que é autentico. O duque diz n'esse manifesto que, embora seja republicano, serviu a monarquia com D. Afonso XII, mas que depois da morte d'este, julga terminado todo o dever para com sua familia, e que quer ajudar a proclamar a republica, unico regimen capaz de garantir a segurança e a integridade á hespanha.

Montpelier, 30.—O sr. Freicinet discursando no banquete d'esta noite, declarou que a Republica jámais deve deter-se no caminho do progresso; hoje, porém, devemos preocupar-nos principalmente com o progresso economico.

Montpelier, 1.—O sr. Freicinet respondendo ao delegado das camaras do comercio de Cete e Montpelier, ácerca da lotação dos vinhos, diz que o governo tratará d'esta questão a proposito da execução do tratado das camaras do comercio com a Hespanha.

Pernambuco, 30.—Segue hoje d'este porto, com destino a Lisboa, o paquete *Tamar*, da Companhia da Mala Real Ingleza.

Madrid, 1. — Está decidido que se reuna ámanhã o conselho de guerra que ha-de julgar o brigadeiro Vilacampa.

Os jornaes republicanos elogiam o procedimento generoso do duque de Aumale, na doação que fez do seu palacio de Chantily ao Instituto de França.

O jornal *Le Temps* avalia a propriedade doada ao Instituto em 35 milhões de francos (6:300 contos) e afirma que o conde de Paris aprovou a doação.

A mesma folha diz que o manifesto do duque de Sevilha, publicado no jornal *La Republique de Tarbes*, não tem a minima importancia politica, e que contém uma série de declarações republicanas que são bastante singulares, tendo por baixo a assignatura de Henrique de Bourbon.

O redator de *La Republique de Tarbes* consta que pediu ao duque de Sevilha a explicação d'aquele trecho do seu manifesto em que diz «que é republicano de nascimento» e que o duque lhe respondeu «que nascera em 1848, no exi-

lio, e não é isto suficiente para haver nascido republicano?»

Bolama, 2. — O paquete *Portugal*, da Companhia Nacional de Navegação, chegou hontem a Bolama e de tarde seguiu para S. Tiago. O mesmo paquete trouxe a noticia de que o paquete *S. Tomé*, da mesma Companhia, no dia 22 de setembro estava na ilha de S. Tomé. Não havia novidade alguma a bordo dos dois paquetes.

Madrid, 2.—Estão funcionando em audiencia os tres conselhos de guerra. O primeiro julga o brigadeiro Vilacampa; o segundo o tenente Serrano, tres sargentos e quatro cabos; e o terceiro, o official e os dois paizanos acusados da morte do general Velarde.

Madrid, 2.—Os conselhos de guerra condenaram á morte o brigadeiro Vilacampa, o tenente Serrano e cinco dos officiaes inferiores que tomaram parte na sublevação.

Madrid, 2, á noite.—O Papa respondeu ao telegrama da filha do brigadeiro Vilacampa prometendo-lhe que vai interceder com a rainha regente a favor dos infelizes condenados á morte pelos conselhos de guerra de Madrid.

Paris, 2.—Um despacho do presidente geral da França em Madagascar confirma que são sensivelmente menos tensas as suas relações com o governo dos hovas.

A comissão do orçamento aprovou em principio o imposto sobre o rendimento.

Os jornaes desmentem a formação de guerrilhas hespanholas em territorio francez.

Cascaes, 3, de manhã.—Em consequencia do mau tempo não se realisa a regata. Os barcos retiraram da bahia.

S. Vicente, 3.—Segue hoje d'este porto com destino a Lisboa o paquete inglez *Patagonia* da Companhia da Navegação do Pacifico.

Paris, 3.—O duque de Sevilha passou hontem em Paris, caminho de Diepe.

Londres, 3.—Os deputados conservadores foram officiosamente avisados de que é provavel a convocação da camara para o proximo mez de novembro.

Lord Clurchill, em um discurso que proferiu hontem á noite, fez notar a importancia do discurso do sr. Tisza, no parlamento hungaro, porque prova que a Austria quer defender a liberdade e a independencia dos Estados dos Balkans. Declarou que esta politica do governo austro-hungaro tem as simpatias e mesmo o apoio da Gran-Bretanha, que espera assim lançar na balança um peso decisivo, sem o emprego da força.

Sofia, 3.—Os ministros bulgaros informaram hontem o agente diplomatico russo; general Kaulbars, de que renunciam absolutamente á reeleição do principe Alexandre de Batenberg, e propozeram-lhe uma transação com respeito aos officiaes presos; quanto ao adiamento das eleições, declararam-no impossivel, porque se opõe a ela a lei eleitoral; por fim, pediram-lhe que transmitisse estas resoluções ao tzar.

O general Kaulbars respondeu-lhes que as decisões do tzar são irrevogaveis. Acedeu, porém, a comunicar ao ministro dos negocios estrangeiros, sr. de Giers, as resoluções do governo bulgaro.

Bordeus, 3.—O sr. Freicinet recebeu hoje os delegados das camaras do commercio e varios negociantes de vinhos e de licores espirituosos, os quaes lhe pediram que o titulo legal dos vinhos seja reduzido a 12 graus afim de proteger os vinhos francezes contra os vinhos de Portugal. O sr. Freicinet disse-lhes que esta questão é muito delicada, mas que o governo hávia de estudal-a.

Madrid, 3.—A minoria republicana da camara pediu ao governo clemencia para os infelizes condenados á morte pelos conselhos de guerra de Madrid, declarando que deseja a realisação do seu ideal ao amparo da lei e no seio da paz.

Castelo de Vide, 3.—(Informações postaes)—Referem cartas de Madrid que o governo hespanhol tem mandado reter muitos telegramas por se referirem aos julgamentos nos conselhos de guerra de Madrid; as suas autoridades tambem obstam por todos os meios a que os jornaes deem qualquer informação a respeito dos processos militares. O brigadeiro Vilacamp, os officiaes Gonzalez e Serrano e os quatro sargentos, todos condenados á morte, serão fusilados provavelmente na madrugada de segunda ou terça-feira.

Sofia, 3.—O conselho de ministros, depois de longa discussão, assentou emfim no texto da sua resposta á ultima nota russa. Essa resposta, referindo-se á entrevista que os ministros tiveram hontem com o general Kaulbars, diz que o governo bulgaro está perfeitamente disposto a seguir os conselhos da Russia, no que as leis do paiz lh'o permitirem.

Madrid, 4.—O supremo tribunal de guerra e marinha está examinando ainda os processos dos revoltosos condenados á morte pelo conselho de guerra.

As autoridades da Catalunha telegrafam que renasce a tranquilidade na fronteira dos Pirineus Orientaes, em virtude da vigilancia exercida pelas autoridades francezas.

Telegramas recebidos da costa da Africa, anunciam que os comandantes hespanhol e francez n'aquela região, obedecendo ás instrucções de seus respétivos governos, combinaram submeter todas as questões pendentes a uma comissão diplomatica hispano-franceza, para assim se não provocar nenhum melindre.

Carta de Lisboa

Lisboa, 5 de outubro de 1886.

Com relação á grande série de crimes de que lhes falei na minha ultima carta, isto é dos partos prematuros que algumas parteiras d'aqui se encarregavam de prover a troco d'alguns magros tostões, vou narrar-lhes o que passa por mais veridico. Francisco Sequeira, coxeiro, ultimamente tomara relações com uma rapariga de 23 anos, por nome Antonia Maria Pinto, que era casada com o cauteleiro Manuel Figueiredo, conhecido pelo Manuel Areias, de quem se achava separada ha cerca de 3 anos. Antonia vivera no predio fronteiro onde residia o coxeiro, e foi d'ali que o conheceu. Quando se separou de seu marido, foi viver para a companhia de sua mãe, na rua do Bemformoso. A esse tempo o Sequeira vivia em companhia de uma outra mulher, Guilhermina Rosa, a quem, segundo diz a visinhança, dava maus tratos, e que faleceu no dia de Reis, d'este ano. Foi depois d'isto que a Antonia veio viver na mesma casa com o Sequeira. Posteriormente apareceu a gravidez que atingiu o periodo de cinco mezes. O coxeiro não lhe convinha aumentar a familia e ela pela sua parte sentia-se envergonhada de se ver n'aquele estado. Recorreram então ao expediente que o coxeiro tinha adotado em circumstancias identicas com a outra mulher que teve. Foi chamada a parteira que já o tinha servido a «Ana das criadas», que se prestava por um preço modico. A operação fez-se, mas com tanta infelicidade que a mulher faleceu na quarta-feira, 29 do mez findo. O bilhete de enterramento, estabelecido em presença da certidão de obito, declarava que ela alecera de uma enterite.

A policia teve denuncia que a morte fôra resultado de um parto prematuro e poz-se logo em campo. Um guarda, vestido á paisano, dirigiu-se á coxeira da rua Arco da Graça, onde soube a morada do coxeiro, e dirigindo-se á rua dos Vinagres, prendeu-o quando ele ia entrando para um estabelecimento, comprar petroleo. Pouco depois era tambem presa a parteira Ana Pinto, moradora na rua Nova da Palma, onde consta que já ha tempo lhe fora cançado o diploma, em consequencia de ser notorio que ela se prestava a estes trabalhos. Na rua dos Vinagres áfirmam que á primeira amante do Sequeira promovera a parteira uns cinco ou seis partos prematuros, havendo até quem não hesite afirmar que ela morreu em resultado d'essas operações.

Já se procedeu á exumação e autopsia no cadaver de Maria Antonia. Parece que os medicos encontraram vestigios de ter havido uma prenhez bastante adiantada, mostrando-se tambem indicios mais ou menos claros da existencia de um áto criminoso, e embora não precisassem para formular o seu juizo sobre o exame, mandaram comtudo recolher em frascos devidamente acondicionados, a parte liquida encontrada no estomago e nos intestinos e parte das visceras.

De Azeitão vieram presos um proprietario e uma professora régia; em Santarem foi tambem presa a parteira que mora na rua de S. Vicente, e tinha ido para ali ha poucos dias tratar d'um parto.

Está detido um medico, morador na rua do Corpo Santo. Estão presas 19 pessoas: 4 parteiras, 1 caixeiro da livraria Bertrand, o medico acima referido, o coxeiro Francisco Sequeira, o proprietario de Azeitão, a professora régia d'aquele concelho, e 10 mulheres de diferentes classes, entre estas a viuva d'um official de marinha, e a mulher de um cabo de policia da 1.ª divisão, que levava uma outra creatura á parteira da rua Nova da Palma.

A Maria Amalia de Mascarenhas, das Portas de Santo Antão, 148, 2.º, era *agente* para estabelecer preço ás clientes enviadas pelas outras tres mulheres.

—Consta-me que provavelmente serão nomeados para constituir o tribunal administrativo d'esse distrito os srs. drs. Antonio Cardoso e Silva, Alexandre Augusto Freire Calheiros e Antonio Augusto de Abreu, e que os despachos irão á proxima assinatura.

— Partiu para Anadia a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia de Castro, esposa do sr. presidente do conselho e sua ex.ma filha, a sr.ª D. Julia de Castro. A demora de suas ex.as é pequena.

—Parte brevemente para o Congo a canhoneira *Cacongo*, levando a seu bordo o sr. visconde da Silva Carvalho, secretario do governo d'aquele distrito. O respétivo governador partirá mais tarde no transporte *Africa*, fazendo escala pela Guiné, para receber 100 pretos que vão completar o batalhão militar.

— Vão ser adquiridas 3:000 espingardas para a marinha de guerra.

—Partiu para o Porto o sr. Ferreira d'Almeida, segundo comandante da corveta *Sagres*.

— Morreu o revd.º padre Queimado, tezoureiro-mór das capelas reaes.

— Foi nomeado ajudante do superintendente do Arsenal de Marinha o sr. tenente Viana Basto.

— Foi agraciado com o habito de Cristo o sr. José Joaquim Prazeres, mestre carpinteiro, que dirigiu a mão d'obra da canhoneira *Zambeze*.

— Mandou-se proceder ao estudo da parte do troço de Entre-os-Rios a Lagares, da estrada distrital de Entre-os-Rios, por Lagares a Paços de Souza e a Recarei.

— Foi nomeado presidente dos conselhos de guerra da armada no atual trimestre o capitão de fragata Antonio José Alvares Rodrigues; vogaes, o capitão-tenente Cipriano Lopes de Andrade e 1.º tenente Manuel de Medeiros e Albuquerque.

— O sr. visconde de Bovieiro, abastado proprietario no concelho de Penafiel, foi agraciado com a comenda da Conceição.

— Foi concedida aos concelhos do Porto, Barcelos e Guimarães a autonomia municipal, em conformidade do novo Codigo Administrativo.

— Foi concedido aos concelhos de Braga, Viana do Castelo e Guimarães o pagamento da contribuição industrial em quatro prestações.

— Foi concorridissima a recéção dada hoje por sua magestade el-rei aos officiaes do exercito e armada.

— Foram creadas mais tres circumscrições hidraulicas, com séde em Viana, Lisboa e Setubal. Para a primeira foi nomeado diretor o sr. João Tomaz Costa, para a segunda o sr. Joaquim Pires de Souza Gomes e para a terceira o sr. Alencourt Braga.

— Foi nomeado vogal da junta consultiva de obras publicas e minas o sr. D. Antonio de Almeida.

— Foi nomeado diretor das obras publicas do distrito de Viana o sr. Ernesto Julio Goes Pinto.

— Foram extintas as direções da fiscalisação do caminho de ferro de Torres e das obras do Tejo e a junta central de melhoramentos sanitarios.

— Foi nomeado intendente de pecuaria no distrito de Castelo Branco o sr. João Tierno, estudante da Escola Politecnica de Lisboa.

— Foi nomeado delegado de Portugal no congresso de geodesia, que vae realisar-se em Berlim, no dia 20 do corrente, o sr. Antonio José de Avila.

— Foi agraciado com a comenda da Conceição o sr. visconde de Pomarão.

— Foi mandado estudar parte do lanço da estrada distrital de Entre-os-Rios a Alagas.

— Foi nomeado chefe da secretaria do governo da provincia de S. Tomé e Principe o 2.º official da administração militar sr. José Maria Betencourt.

— Está justo o casamento da sr.ª marqueza do Fayal, filha dos srs. duques de Palmela, com o sr. Luiz Coutinho Borges, filho segundo dos srs. condes da Praia e Monforte.

— Está justo o casamento da sr.ª D. Luz Barros Lima, cunhada do digno par o sr. Carlos Eugenio, com o sr. visconde de Alferrarede.

— Está aberto concurso até ao dia 26 do corrente, para o provimento do logar de compositor-diretor da imprensa nacional da provincia de S. Tomé e Principe, cujo ordenado é de 511$000 réis.

Y.

—

A' ultima hora.—Acaba de saber-se que os revolucionarios da noute de 19 serão indultados. E' noticia que satisfaz os votos de Hespanha e do mundo civilisado. Deus iluminou em fim o espirito dos homens a cujos destinos o visinho reino está entregue.

Y.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CODIGO PENAL
APROVADO
POR
Decreto de 16 de setembro de 1886
A' venda na livraria Gutenberg, rua da Cancela Velha, n.os 64 a 68.
Preço 200 reis, e pelo correio 220.
EMPREZA EDITORA=LUCAS & F.º
Rua do Diario de Noticias, 93
LISBOA

DIRETOR LITERARIO
(Do 5.º volume em deante)
DR. L. A. ALVES DE FREITAS

BIBLIOTECA DOS POBRES
Publicação instrutiva e amena
UNICA
No seu genero
e sem precedentes em Portugal
Publicação mensal em livros de 64 paginas, custando apenas 60 reis cada livro!

BIBLIOTECA SECRETA
LEITURA SÓ PARA HOMENS
ROMANCE DE UMA ALCOVA
Aventuras galantes
d'uma mulher mundana
Já começou a publicação d'este excelente romance, cada semana publicam-se 4 folhas, o preço é de 10 reis cada folha, gravuras gratis.
Todos os assignantes e correspondentes teem um brinde mensal do valor provavel de 7:000$ ou do valor realisavel de 4$500 reis.
Nas terras onde não ha correspondentes, a assignatura será mensal paga adiantadamente, o assignante deverá remeter a quantia de 200 reis de 20 folhas, ao gerente da empreza, Lisboa—20, Rua dos Douradores 20.

ANUNCIOS

DIREÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS
DO
DISTRITO D'AVEIRO
Estrada real n.º 42 de Vizeu ao Porto
Lanço do Moradal a Santa Cruz

ARREMATAÇÃO

231 PELA Direção das obras publicas do distrito d'Aveiro se faz publico *que no dia 16 d'outubro, pelas 11* horas, serão recebidas perante a administração d'este concelho, propostas em carta fechada para a execução de terraplenagens e fornecimentos de alvenaria, cantaria, cal, saibro e lagedo necessarios para ser realisado parte do referido lanço entre os perfis 0 e 97, na extensão de 1:801m,76.

BASES DE LICITAÇÃO

Terraplenagens completas..	1:600:000
Fornecimento de 120m. c.,0 d'alvenaria.....	60:000
Idem de 3m. c.,0 de cantaria em desbaste.....	14:400
Idem de 20m. c.,0 de lagedo.	72:000
Idem de 8m. c.,0 de cal viva.	48:000

São prevenidos os interessados de que ninguem será admitido ao concurso sem que previamente prove por documento autentico ter feito na Caixa Geral dos depositos, ou em qualquer das suas delegações, um deposito provisorio de tres por cento sobre a base de licitação. Esse deposito será de cinco por cento para a adjudicação.

Todas as condições e mais esclarecimentos sobre este concurso estão desde já patentes n'esta secretaria todos os dias não santificados.

Aveiro e secretaria da Direção das obras publicas, 30 de setembro de 1886.

O engenheiro diretor
Antonio Ferreira d'Araujo e Silva.

INJECÇÃO MOURA

140 ESTA eficaz injecção é a unica que cura em poucos dias, sem produzir damno algum toda a qualidade de purgações, tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Deposito no Porto pharmacia Felix e Filho. Frasco 600 reis.
Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

MUDANÇA

COLEGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
PARA O SEXO FEMININO
EM AVEIRO

233 ESTE estabelecimento de educação e ensino, montado n'esta cidade ha doze anos, mudou para uma casa comoda e espaçosa, sita na rua do Arco, achando-se habilitado com o pessoal docente respétivo, e sem alteração de programa, abre as suas aulas no dia 11 do corrente.

Aveiro, 6 de outubro de 1886.
A Diretora,
D. Rosa Emilia Regala Moraes.

AGITAM AS DORES

139 COM a applicação do afamado balsamo anodyno de Moura, cuja efficacia é incontestavel nos rheumaticos, nas nevralgias, nas distenções de tendões, etc. Numerosos attestados de pessoas distinctissimas de paiz e estrangeiros, entre os quaes muitos do medicos de subido merito, provam a grande superioridade d'este medicamento, hoje universalmente usado, sobre outros aconselhados para as mesmas molestias Preço 500 reis. No Porto, Felix e Filho, S. Domingos, 46.
Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.
Deposito em Setubal, Antiga Ribeira, 15 a 19.
Previne-se o publico para não ser illudido qen é falsificado o balsamo em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

O MELHOR PURGANTE

138 TODOS os padecimentos cuja cura depende da applicação de um bom purgante dasapparecem rapidamente com o uso das pilulas purgativas da Moura que são indubitavelmenta o melhor dos purgantes até hoje conhecidos. A sua acção é muito suave e nada irritante, o seu effeito seguro e rapido; o seu preço excessivamente modico e a sua administração da maneira mais facil e mais prompta. Os milhares de caixas que se vendem annualmente, tanto no paiz como no estrangeiro, mostram á evidencia a superioridade d'este preciose medicemento purgativo. Preço 300 reis, Depositarios em Lisboa, Pimentel e Quintans, 194, rua da Prata, (á esquina da travessa da Assumpção.) Venda por grosso, Felix & Filho. Porto.
Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Contral de Francisco da Luz e Filho.
São falsificadas as pilulas em cujas caixas não for o nome Felix e Filho.

21 **ASPHALTO**
MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

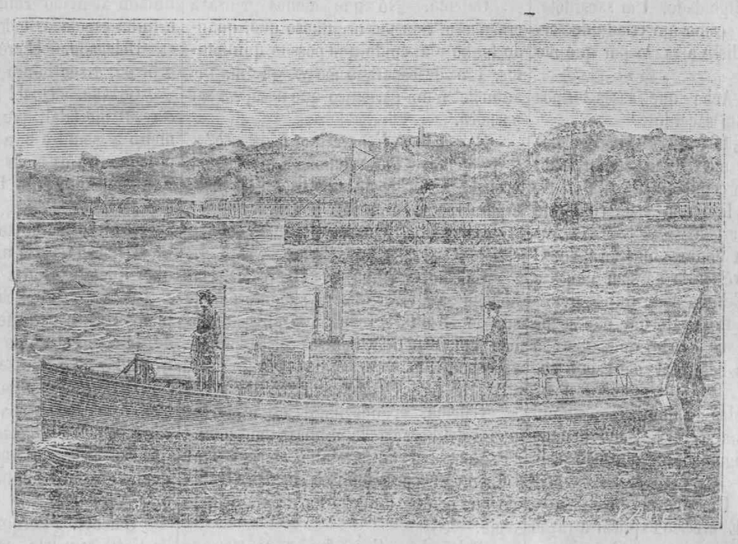
TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada emconformidade da lei de 4 de junho de 1883.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
7
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metallicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação ndição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes quo obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro. Lisboa.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Feruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente autorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte, e um precioso elemento reparador me to agradavel e de facil digestão. Aproveitap modo mais extraordinario nos padecimentosd peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mu res gravidas, e amas de leite, pessoas idoh creanças, anemicos, e em geral nos debilitad - qualquer que seja a causa da debilidade. Acess se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Pacote 200 reis, e lo correio 220 reis. Os pacotes devem conts o retrato do auctor, e o nome em pequena circulos amarellos, marca que está deposito em conformidade da lei de 4 de julho de 1883
Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior. 23

RÉCLAME

77 DESDE o dia 1.º de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «**Union des Fabricants** pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabriacntes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que mesa da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

COLEGIO PARISIENSE
219—RUA DA ESCOLA POLYTECHNICA—219
LISBOA

228 ADMITEM-SE estudantes internos, semi-internos e externos, habilitando-se para a matricula em todos os cursos do do es.
A alimentação é sadia e variada, sendo escrupulosamente fiscalisada pelo diretor.
O edificio está nas melhores condições para este genero de estabelecimentos, e situado n'um local ótimo para a saude.
Quem desejar o regulamento póde pedil-o ao diretor, que reside no proprio edificio.
As aulas abrem no 1.º d'outubro, estando já a funcionar as de instrucção primaria, 1.º e 2.º ano do curso, e desenho.

O Diretor
José Estevam d'Azevedo.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções de Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES e CANTORES, para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, em PARIS

INJECÇÃO RAQUIN
DE COPAHIBATO DE SODA
Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Paris) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como **preservativo**.
Exija-se a assignatura de RAQUIN.
DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES
78, Faubourg Saint-Denis, Paris.
E em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES
Rua Direita—Aveiro

Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO
5
Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pelo sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79
PEGADO A' CAIXA ECONOMICA
AVEIRO

VINDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de **LANÇADEIRA OSCILANTE**, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são

BRAÇO MUITO ELEVADO
Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.
Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.
A agulha é sempre ajustavel.
Dá dois mil pontos n'um minuto!
Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.
Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.
Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os annos está a maquina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER
Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER
A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER
Para familias, alfaiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER
Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER
A que fabrica e vende diretamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER
Só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande reputação, suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jàmais poderão competir com a maquina SINGER

SINGER
Não tem igual debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!
Ensino gratuito e demorado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.
Pedem-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.
Aos senhores do publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.
Vendem-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.
Depositos em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.